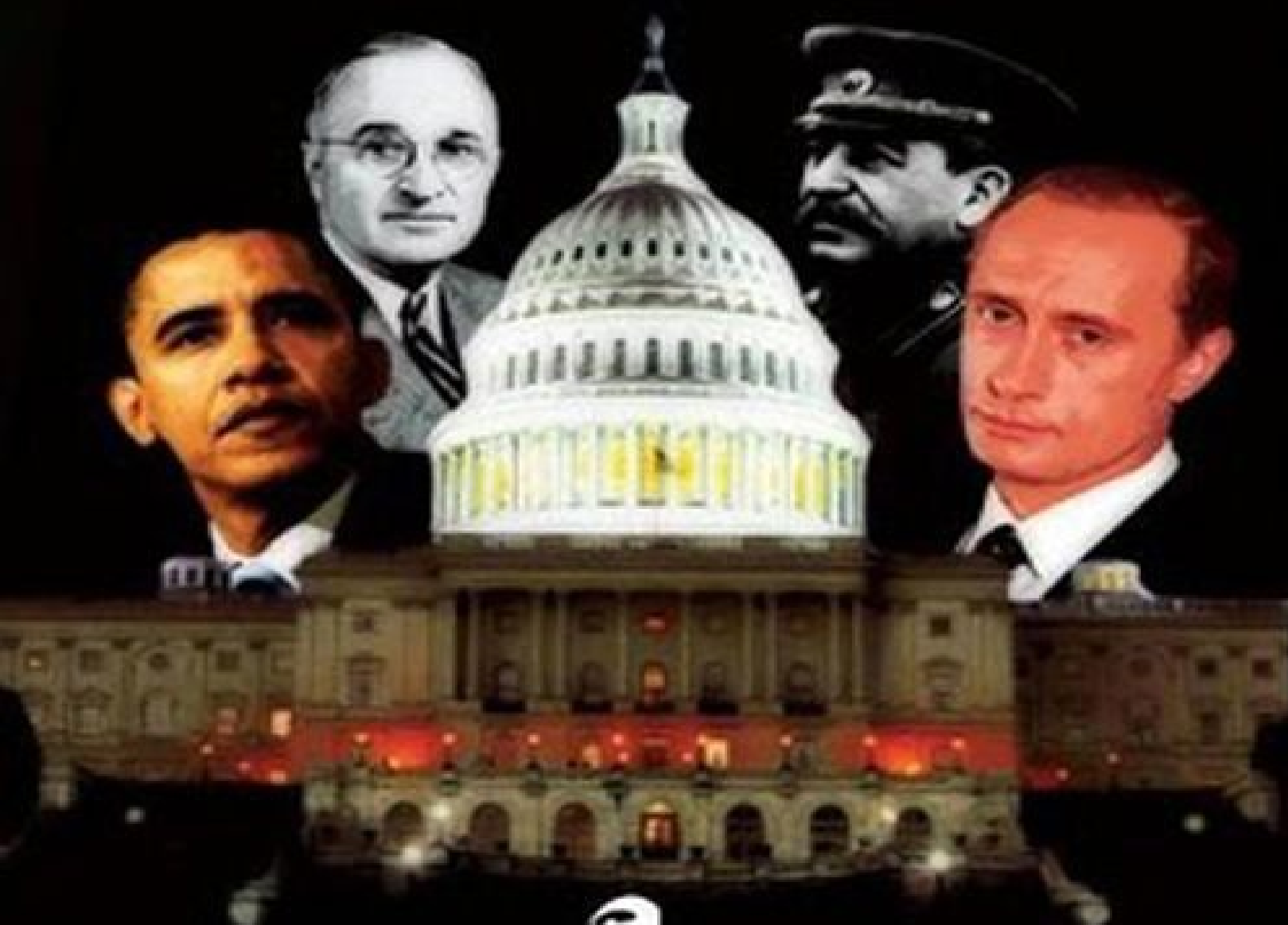


Aleksandr Dugin

A Grande Guerra dos Continentes



ANTAGONISTA



Título original: *ВЕЛИКАЯ ВОЙНА КОНТИНЕНТОВ*

© Aleksandr Dugin & АРКТОГЕЯ, 2005.

Traduzido da edição francesa: *La Grande Guerre des Continents*

© Avatar Editions, 2006.

Tradução: Antagonista Sociedade Editora, Lda., excepto a introdução, *Conspirologia: A Gaia Ciência do Pós-Modernismo* e o apêndice *Saudade*, cujas traduções são de Joaquim Reis.

Grafismo e paginação: www.hekiw.pt.vu

ISBN: 978-989-8336-17-0

© Antagonista Sociedade Editora, Lda., 2010.

<http://antagonistaeditora.blogspot.com>

Antagonistaeditora@gmail.com

A Grande Guerra dos Continentes

Aleksandr Dugin

Índice

Introdução

Conspirologia: A Gaia Ciência do Pós-Modernismo.....

Primeira Parte: Antes de 1945

A Geopolítica e as Forças Secretas da História.....

As Bases da Geopolítica.....

A “Conspiração dos Atlantistas”.....

A “Conspiração dos Eurásicos”.....

“Sangue e Solo” - “Sangue ou Solo”?.....

Pan-Eslavismo Contra Eurasismo.....

Os Atlantistas e o Racismo.....

Quem é o Espião de Quem?.....

Disse GRU, Sr. Parvulesco?.....

GRU Contra KGB.....

Eurásicos Brancos - Eurásicos Vermelhos.....

O Pacto Molotov-Ribbentrop e a Posterior Vingança dos Atlantistas.....

Contornos do Lobby Atlântico.....

O KGB ao Serviço da “Dança da Morte”.....

A Convergência dos Serviços de Informações e a “Missão Polar do GRU”.....

Ascensão e Eclipse do Sol Eurásico.....

Segunda Parte: Após 1945

Depois da “Vitória”.....	
A Missão “Polar” do General Chtemenko.....	
Nikita Kroutchev, Agente do Atlantismo.....	
O Longo Caminho até 1977.....	
A Geopolítica do Marechal Ogarkov.....	
A Catástrofe do Afeganistão.....	
A “Direita” no KGB e o Paradoxo Andropov.....	
O Agente Duplo Mikhaïl Gorbatchev.....	
O Verdadeiro Rosto de Anatoly Lukianov.....	
O Sr. Perestroika.....	
Perante uma Falsa Alternativa.....	
O Golpe, Ponto Culminante da Guerra Oculta.....	
Os Erros de Cálculo do Marechal Yazov.....	
O “Sr. Perestroika” Parte ao Ataque.....	
Lukianov e a Visita Ritual à Campa do Marechal Akromeiev...	
Metafísica da Guerra Oculta.....	
O Fim dos Tempos.....	
Endkampf.....	
A Ordem e “Os Nossos”.....	
A Hora da Eurásia.....	

Apêndices

Saudade.....	
Entrevista ao "Los Angeles Times".....	

“Sê radical, tem princípios, sê absoluto, sê aquilo que os burgueses chamam um extremista; entrega-te sem contar nem calcular, não aceites aquilo a que chamam a ‘realidade da vida’ e age de maneira a que jamais sejas aceite por essa ‘vida’, nunca abandones o princípio do combate.”

Conspirologia

A Gaia Ciência do Pós-Modernismo

A “conspirologia” (ou a “teoria da conspiração”) apresenta-se como um fenómeno muito bizarro, que tomou uma especial amplitude hoje em dia, na época pós-moderna, com a sua atracção pelas construções extravagantes e desproporcionadas, pelo absurdo, pela sobreposição de diferentes contextos, pelo espírito irónico e ridículo do Iluminismo, de relação racional e positivista, no que concerne à história, à política, à cultura e à arte.

A fé na conjura, nas forças ocultas e nos segredos poderosos da organização [secreta], na “mão invisível” e nos “bastidores mundiais”, invisivelmente governando a marcha da história e submetendo os povos e os Estados à vontade maligna dos “senhores misteriosos”, sempre

existiu na humanidade. Neste sentido, a actual conpsiologia perpetua o eterno tema dos mitos das “forças obscuras”, das “congeminações do Diabo”, das “tramas de Satanás e dos seus lacaios”, que foi e é a parte mais importante e indispensável de todas as religiões mundiais. Mas as representações clássicas do “Diabo” e os seus “cúmplices” no contexto religioso obedecem à lógica estrita dos correspondentes sistemas abençoados, intimamente ligados ao modelo geral dos dogmas e princípios, neste sentido não existe neles nada de especial, de “estranho” e “extravagante”. A demonologia religiosa é um campo da religião tão rigoroso e tão dogmaticamente estruturado como os restantes aspectos da fé (ao mesmo tempo pode dizer-se que é tão arbitrária, tão fundada na revelação, que é preciso aceitá-la integralmente e sem críticas). Por sua vez, a actual conpsiologia é interessante exactamente porque os motivos tradicionais, “demonológicos” e “escatológicos” se dispõem aqui, fora dum contexto religioso estritamente definido, associando-se a fenómenos tipicamente actuais e pós-religiosos, e não utiliza qualquer método estritamente definido. Daqui resulta o caos fascinante e o absurdo cativante da construção conpsiológica: cada conspirólogo é convidado para um jogo criativo no alinhamento do mosaico das mais variadas hipóteses, das mais extravagantes conjecturas, das mais absurdas suspeitas, ao gosto próprio e com a premeditada confusão dos contextos. Nomeadamente esta liberdade de circulação das diferenças, e acima de tudo, a raridade dos absurdos pedaços das demonologias tradicionais, formatadas na maneira actual, faz da conpsiologia um fantasma característico do estilo pós-moderno. Como o pós-modernismo no seu jogo irónico une o que não se pode unir – racionalismo e mitos, do mesmo modo também a conpsiologia actua sem regras nem leis: aqui tudo pode acontecer, até a mais inverosímil hipótese – como por exemplo, que a América é governada por supostos habitantes de outro planeta, entrados na conjura com departamentos secretos da CIA e com o Sistema da Reserva Federal à cabeça – e assim pode perfeitamente tornar-se a orientação das mais minuciosas investigações, que unem as multidões dos apaixonados conspirólogos, que gastam tempo, dinheiro, forças e nervos na colheita de factos e argumentos corroborantes.

É certo que diferentemente dos artistas pós-modernistas os conspirólogos, frequentemente com sinceridade, acreditam nas suas preocupações e ideias fixas, neles não há vestígios de ironia ou de cinismo, pelo contrário, fervilham nos labirintos do seu delírio extravagante com inteira seriedade e lúgubre teimosia. Nisto não só se afastam dos pós-modernistas, como também se adiantam a eles – nomeadamente até à seriedade pós-irónica, alcançam os artistas do pós-modernismo, movendo-se cada vez mais longe segundo o vector geral deste estilo. Se o moderno com sua escala positiva de valores e o seu projecto civilizacional, estiver efectivamente exaurido (como eles afirmam), então não haverá mais lugar para a história, e o jogo com os dispersos fragmentos caóticos da “história acabada”, sem qualquer sistematização ou lógica coordenadora adquire o carácter de séria vagabundagem pelos limites da fita infernal de Moebius – sem fim nem princípio.

Se nos anos 60 e 80 do século passado a conpsiologia era o feudo de excêntricos marginais e de pardacentos “tablóides”, nos anos 90 tornou-se num fenómeno da cultura de massas. A expansão começou a partir da série “*X-Files*” (“Ficheiros Secretos”), em que os agentes dos serviços secretos Mulder e Scully investigavam todos os tipos de possíveis “conjuras” e “intrusões”, ilustradoras da infinita gama das fantasias conspiratórias. “*The truth is out there*” - anuncia o lema de “*X-Files*”, “a verdade não está aqui”, “a verdade está escondida”. Este é o primeiro gesto da atitude conpsiológica perante o mundo. Significa:

“enganam-nos”, e, por consequência, “é preciso encontrar a verdade, onde quer que ela esteja”. “É evidente que a verdade que é preciso encontrar, deve ser qualquer coisa de incrível – de outro modo não teria interesse e não haveria razão para a descobrir”, -raciocinam os conspirólogos. Por isso é preciso começar pelas hipóteses mais fortes - por exemplo, “o mundo é comandado por uma ordem nazi com a sua central na Antártida; os seus agentes - estão em todos os governos e organizações internacionais”. É isto, na verdade, o que é preciso descobrir. E investigar é mortalmente perigoso. Assim cada conspirólogo se torna ele próprio um agente Mulder ou a sua colega Scully. E como a rotina é aborrecida e mesquinha, a vida pequeno-burguesa de repente preenche-se com um novo sentido.

Um brilhante resumo do conspirólogo é apresentado no filme “*Teoria da Conspiração*”, estreado em 1997 (realizado por Richard Donner, nos papéis principais Mel Gibson e Julia Roberts). Aqui o herói principal, taxista, a princípio apresenta-se como esquizofrénico completo com a mania da perseguição, advogando enfadonhas ideias delirantes. Depois, contudo, esclarece-se que todas as suas extravagantes hipóteses reflectem a verdadeira realidade, que só ele tem razão e todas as pessoas “normais” que o rodeiam estão profundamente erradas. “*The truth is out there*”, - insiste o herói principal, e não só encontra esta “verdade”, como também convence os outros.

Deste modo, os temas da conspirologia passaram para o grande ecrã, tornando-se em componentes da actual cultura de massas. Impetuosamente surgiram edições de diferentes investigações conspirológicas: as pessoas compram-nas aos milhões, independentemente de quanto delírio as brochuras encerram. A conspirologia torna-se, a pouco e pouco, num estilo legítimo, uma moda *sui generis*. E há razões para considerar que não se trata simplesmente de uma atracção de curta duração, mas de uma tendência sociológica persistente.

Do ponto de vista pós-moderno, trata-se não simplesmente da descoberta pelos conspirólogos de quaisquer conformidades com leis, anteriormente ocultas. Não, de modo algum. O próprio modelo do mundo está derribado, formulado para a época moderna – com as suas representações do que é e não é, com sua crença na estabilidade do “quadro físico e mecânico do mundo”, com a sua convicção na objectividade do mundo e com um programa racionalista de desenvolvimento. Das “fendas” corruptoras do moderno surge outro mundo - substituto, extravagante, onírico, caprichoso, caótico. Neste mundo pós-moderno é possível o que é impossível no moderno, nele existe o que não existe no moderno. Nele o absurdo é posto em pé de igualdade com a verdade incondicional, e um fragmento ocasional pesa mais que todo um sistema. O conspirólogo pela sua convicção enfeitiça a própria realidade, e se esta o contradiz, tudo fica na mesma, como dantes – no ciclo positivista. À realidade, grosso modo, é quase indiferente o que sobre ela dizem as pessoas, pois o mundo não é mais do que representação (*Schein*, como dizia Hegel), então, insistindo na sua ideia, os conspirólogos (numa conjuntura em que à sua volta ninguém parece estar particularmente interessado nesta) submetem a si mesmos a realidade. Vemos na TV a transmissão sobre os “OVNIs”, efémeros objectos voadores não identificados de forma pontiaguda especial, impressos ocasionalmente em algumas fotos de amadores. Esta emissão não esclarece quem quer convencer, mas a cada nova temporada as facetas do possível esbatem-se, e a persistência maníaca dos conspirólogos torna-se a pouco e pouco o vector do possível.

Mais do que tudo, a abordagem conspirológica é apropriada para a análise dos processos políticos. Neste campo a conspirologia goza de um apoio maciço e apreciável por parte das

massas. O poder, mesmo nas sociedades mais democráticas e transparentes, prefere sempre a confidencialidade. – A maioria das decisões políticas tomam-se à porta fechada, e nunca os MCM podem na realidade penetrar para além desta cortina. Perante os observadores interessados cresce, até atingir uma dimensão inacreditável, uma sombria zona perfeitamente real e pragmaticamente explicável: assim se geram os mitos das “conjuras” onnipotentes, se formam os sistemas de “raízes ocultas” e de “ligações secretas”, aparecem boatos sobre “as sinistras sociedades secretas” e os “agentes de influência”.

Na politologia aplicada e no jornalismo político o método conspirológico recebeu a máxima divulgação: acima de tudo, o observador e comentador das acções do poder não conhece na totalidade o cerne da questão, acabando por complementar os elos de ligação e os factos desconhecidos de forma voluntarista – nisto “a teoria da conjura” é um valioso auxiliar. Se entre uma figura política, ou entre um acontecimento e outro, não existir uma ligação clara ou transparente, sendo necessário (pela lógica do artigo ou do comentário) ligá-los entre si, o método conspirológico consegue-o: “esta ligação existe, mas é oculta”, “esta é uma ligação secreta”, e se os próprios e importantes [intervenientes] a negarem publicamente, por esse facto confirmam a suspeição da sua existência.

Na lógica conspirológica há uma regra de ferro: a inexistência de prova é a melhor prova, pois “*the truth is out there*”! Aqui a credulidade do público remata a questão: as massas privadas de milagres acreditam com alegria em tudo que se afaste da lógica habitual e banal, as energias da fantasia encontram campo fértil, e as mais absurdas e extravagantes “descobertas” dos conspirólogos relativamente à elite política são recebidas com exclamações de exultação. Em algumas versões da conspirologia política (por exemplo, nos EUA), o próprio conceito de “elite” é quase sinónimo de “conspiradores”: as representações democráticas profundamente enraizadas insistem que na sociedade liberal “todos são iguais nas suas oportunidades iniciais”, o que significa que descobrir vestígios de uma elite estável perpetuamente à cabeça do poder político e do poder económico equivale neste caso a descobrir uma “conjura”.

Em qualquer caso, no meio dos comentadores políticos os métodos conspirológicos são mais moderadamente divulgados. Para o curto formato de uma coluna ou de um telecomentário, de maneira nenhuma convêm construções politológicas refinadas ou exposições sistemáticas de acumulação de factos complexos, conducentes àquela ou a outra decisão política. Por vezes é necessário, mesmo tecnologicamente, comprimir a explicação dentro de limites – o formato de “conjura” ou de “entendimento secreto” convêm idealmente para este caso: por um lado, o sentido é compreensível para o público, e a falta ou a total ausência de pormenores, provas e argumentos explica-se pelo facto de os acontecimentos se desenrolarem por “trás dos bastidores”. Isto é especialmente convincente, se de facto tomarem parte nestes representantes dos serviços secretos, dos ministérios e dos departamentos das forças de segurança, etc. Nesses casos as “cortinas de fumo” e o “secretismo” são dados adquiridos.

A conspirologia politológica é mais racional e realista, do que a conspirologia que utiliza para explicação de acontecimentos incompreensíveis “ordens satânicas”, “de outros planetas” ou “mentiras ocultas”. Mas a metodologia primitiva das construções conspirológicas em todos os casos é essencialmente a mesma. Como se nada fosse, a conspirologia está muito disseminada na sociedade actual, - tanto como “cultura de massa”, como construção mental, e

como estrutura de análise politóloga, e até como método de investigação, - o que exige um exame atento.

Este livro é a primeira tentativa de analisar a conspirologia como fenómeno sociológico e cultural, como síndrome conceptual da pós-modernidade. O autor não tem como propósito fornecer uma imagem exaustiva de todas as versões de conspirologia, incontáveis, sempre em crescimento. O objectivo foi descrever algumas das leis da criação conspirológica, se possível as suas características paradigmáticas, seguindo a lógica das teorias conspirológicas mais típicas, claras e significativas. A descrição e análise das diferentes versões da “teoria da conjura”, às vezes muito estranhas e pouco habituais, servem de ilustração convincente a esta pesquisa, tornando-a não numa análise sociológica e filosófica seca, mas numa leitura agradável (como esperamos).

Além disso, em algumas secções deste livro são apresentados exemplos de utilização consciente do método conspirológico para investigação deste ou daquele campo, ligado às “organizações ocultas” e às “sociedades secretas”, que ou existiram de facto (e isto é provado por dados documentais seguros), ou que servem como exemplo colectivo de determinadas tendências, mas às vezes também como “mitos sociais”. Estas secções não só descrevem e analisam a conspirologia como método, mas também demonstram, como este método pode ser aplicado aos casos em que o próprio objecto da investigação fornece a esta todas as bases. Em determinado caso, trata-se de um tratamento consciente do pós-modernismo e das suas regras. Por outras palavras, determinadas secções apresentam a versão do autor da “política pós-moderna” – abordagem levada a cabo, não obstante, com um distanciamento irónico (o que as aproxima dos produtos da criação dos pós-modernistas), mas pendendo distintamente para o lado do arrebatamento passional pelo estranho objecto da investigação e pela extravagância do método (o que é característico dos próprios conspirólogos). Por outras palavras, neste livro a conspirologia está combinada precisamente com a reflexão relativamente aos seus mecanismos estruturais e epistemológicos.

A secção, dedicada às organizações esotéricas e às “sociedades secretas”, inscreve-se nas tradições clássicas dos investigadores destes fenómenos, estas envolvem conscientemente a sua própria actividade numa cortina de segredo e ocultação, escondendo as suas ideias e opiniões por trás de mitos, parábolas, símbolos, etc. Estudar tais organizações a partir do posicionamento dos factos e do positivismo histórico é pura e simplesmente desinteressante – tudo o que é mais interessante do ponto de vista da relação “crítica” desaparece. Bastante mais produtivo em tais casos é seguir os rastros das “sociedades secretas”, tentar compreender a sua própria lógica, decifrar a sua linguagem específica, familiarizarmo-nos com as associações [de ideias] que nos propõem. Assim, o maior psicólogo e psiquiatra do século XX, Karl Gustav Jung, a fim de compreender as estruturas das doenças psíquicas, dos distúrbios, das neuroses, e, em suma, da psicologia humana nas suas dimensões mais profundas, estudou durante toda a sua vida os mitos, as cerimónias, os rituais, os dogmas esotéricos, tratados alquimistas e outras teorias ocultas. Nesta secção tentámos seguir este itinerário, sugerido pelo próprio tema estudado, para mais claramente assimilarmos o estranho e por vezes grotesco elemento do discurso conspirológico – para este discurso a ausência de provas ou a falta de argumentos dum modo geral nada significam: se não há factos, isso significa que alguém cuidadosamente os manipula, desviando-se do principal. Não se pode por nada derribar o conspirólogo, a realidade para ele é uma notória substituição, resultado da hipnose das

massas, um engano. Toma por verdade apenas o resultado das suas meticulosas buscas pelo significado secreto, para lá do evidente e banal. Colocando-nos do seu lado, caímos, de facto, no mundo mágico da especulação, onde “tudo é coerente” – *tout se tient*, se não for possível deslindar as conexões é porque as dissimularam cuidadosamente. Lógica irrepreensível, tendo em si algo de iluminação, de loucura e de solipsismo. Para o conspirólogo, como para Schopenhauer, “o mundo é vontade e representação”. Tudo o mais é uma total e emaranhada balela.

As secções seguintes são dedicadas à aplicação da abordagem conspirológica à política e aos serviços de informações nas ocasiões em que estes se cruzam com os elementos “secretos” e “ocultos”. Habitualmente esta esfera não recebe a atenção da politologia clássica, e apenas as publicações sensacionalistas se atrevem a construir hipóteses sobre quais os “factores ocultos” que estão por trás de todos os conhecidos fenómenos políticos. Tentámos sistematizar um pouco (tanto quanto possível) a abordagem do tema, tratando da “teoria da conspiração” com determinado distanciamento, mais na qualidade de exemplificação. Mas também neste caso a rigorosa análise histórica e factológica desta esfera não é simplesmente possível, pois as “sociedades secretas”, deliberadamente, esforçam-se por tornar secreta a sua actividade não só aos olhares externos, como aos seus próprios membros, vertendo tudo para um nível peculiar da língua. Achar correspondências precisas dos elementos desta língua no sistema dos fenómenos e das coisas habituais e prosaicas às vezes não é tão simples – muitas vezes nem sequer são aproximadamente semelhantes. Por isso lá, onde a política habitual se cruza com “organizações ocultas”, começa a “zona sombria da história”, a qual exige uma aproximação muito específica, tendo como bitola mínima a compreensão da linguagem das organizações ocultas, mas esta linguagem por definição, é conspirológica submetendo-se à assimilação somente num contexto conspirológico.

Em particular, comparamos os diferentes tipos de serviços de informações com as organizações iniciáticas. Mas esta comparação será compreensível apenas no caso de conseguirmos formar uma correcta representação da estrutura das organizações iniciáticas. Tal significa transitar para esse campo, onde uma grosseira factologia pouco nos ajudará.

De seguida apresenta-se a secção “*A grande guerra dos continentes*”. Este texto foi escrito em 1991 e publicado numa das grandes revistas russas da altura. O seu objectivo era expor de forma atraente e místico-detectivesca um conjunto de muito sérias teorias e princípios racionais e filosóficos, providenciando uma análise condensada, mas ampla, dos acontecimentos dramáticos que ocorreram na URSS no ano de 1991. Tanto o método geopolítico como os princípios filosóficos, nos quais se baseava o autor, como a plataforma da “terceira via” e da “revolução conservadora” eram nesse tempo absolutamente desconhecidos não só do leitor russo comum, mas também dos eruditos e dos especialistas, por força da especificidade da formação humanista soviética. Este objectivo – expor sucintamente, através de uma espécie de caricatura filosófica, uma análise séria dos graves acontecimentos associados à demolição dos paradigmas fundamentais políticos e culturais – foi auxiliado na sua realização pela metodologia conspirológica: aqui foi possível legitimamente pôr de lado a factologia, a argumentação, notoriamente afastarmo-nos de qualquer crítica. Sim, a “Grande Guerra dos Continentes” é no seu género um “texto pós-modernista”, como justamente notaram os críticos. Sim, nele facilmente se nota a ironia e o distanciamento, e, se quisermos, a provocação. Mas isto diz respeito ao método de fornecimento do material e é condicionado

pelo objectivo do momento e pela necessidade de exprimir simultaneamente uma grande quantidade de ideias, teorias e sistemas completamente desconhecidas até agora. Depois o autor dedicou à exposição das bases destes momentos volumosos tomos científicos e sérios - dissertações e antologias de geopolítica, filosofia, política, revolução conservadora, tradicionalismo, escatologia e história das religiões. Nesse momento era preciso falar de tudo isto rapidamente, condensada e claramente. Isso foi feito na “Grande Guerra dos Continentes”. Em certo sentido, entre os actuais politólogos de língua russa, este é o primeiro exemplo premeditado e estruturado de conspirológia. A propósito, esta palavra de origem inglesa foi introduzida pelo autor no contexto russo nesse mesmo ano de 1991 e hoje entra em muitos dicionários politológicos – o termo e o método pegaram. Nomeadamente, como exemplo desta abordagem, o texto de “A Grande Guerra dos Continentes” publica-se neste livro como apêndice sem qualquer posterior correcção. Preferimos publicá-lo na versão primitiva, apesar das muitas, hoje visíveis, incorrecções, incoerências, imprecisões e exageros, corrigidos posteriormente nos nossos trabalhos científicos sérios e argumentativos. “A Grande Guerra dos Continentes” não é mais que um documento da época das mudanças paradigmáticas, e neste sentido representa um claro interesse para as investigações acerca desse tempo. Ao mesmo tempo, este texto é um material repetido (e criativamente desenvolvido e aplicado ao momento político do golpe de 1991), contemporâneo do conspirólogo francês Jean Parvulesco, que continua hoje a expor as suas ideias com o mesmo espírito, combinando o romance policial com o tratado místico e o publicismo político. O seu último livro “Vladimir Putin e o Império Eurásico” é neste sentido um modelo acabado e valioso. O tema da conspirológia é fascinante, esta abordagem desperta a imaginação, permite brincar com a realidade, preenchendo-a com novos sentidos e novas suspeitas, produtivamente criando ligações e associações entre os dispersos e caóticos quanta da sociedade actual informatizada. Ao mesmo tempo, nesta esfera é preciso tratar com delicadeza e com certo distanciamento, pois entusiasmo exagerado e acrítico pelos assuntos conspirológicos está cheio de degradação intelectual, simplificações sistemáticas, isto é, de preguiça mental, passividade social, e em alguns casos especiais de real perturbação psíquica. E como bom ingrediente: o uso dela em determinados pratos e composições torna-os picantes, mas em quantidade exagerada e sem as proporções gastronómicas finamente observadas, pode provocar a repulsa. Aqui, como em todo o lado, é importante o gosto: muita coisa dos sistemas conspirológicos são metáforas, exageros provocativos, jogo estilístico do material. A difícil verdade e uma charada de fazer girar a cabeça são aqui apresentadas com um sorriso e um piscar de olhos.

A conspirológia distrai-nos e entretém-nos, ao mesmo tempo que nos enleva - enleva-nos “daqui” e “para além”. Sim, *“truth is out there”*. Really.

A. G. Dugin

Moscovo, 2005

Primeira Parte: Antes de 1945

A Geopolítica e as Forças Secretas da História

Os modelos de “conspiração” são extremamente variados. Neste domínio, a maior das popularidades vai indubitavelmente para o conceito da conspiração “judaico-maçónica”, tão difundida hoje em dia nos mais diversos meios. Fundamentalmente, esta teoria merece um estudo muito atento, e devemos reconhecer que não possuímos nenhuma análise científica completa e séria deste tema, a despeito de centenas ou até de milhares de trabalhos que pretendem “desvelar” esta conspiração ou “provar” a sua não-existência. Mas no presente trabalho desvelaremos um modelo de conspiração completamente diferente, baseado num sistema de coordenadas que é distinto das versões “judaico-maçónicas”. No geral tentaremos descrever a “conspiração” planetária de duas forças ocultas opostas, cuja oposição secreta e combate invisível predeterminaram a lógica da História mundial. Estas forças, segundo a nossa opinião, são antes de tudo caracterizadas não por uma especificidade nacional, nem pela pertença a uma organização secreta de tipo maçónico ou para-maçónico, mas por uma divergência radical das suas atitudes geopolíticas. Quanto à explicação do “segredo” final destas forças opostas, tendemos a vê-la na diferença existente entre dois projectos geopolíticos alternativos, que se excluem mutuamente e que se afastam das diferenças nacionais, políticas, ideológicas e religiosas; tendemos a vê-las em pessoas com as opiniões e as crenças mais contraditórias reunidas num só grupo. O nosso modelo conspiracional é o modelo da “conspiração geopolítica”.

As Bases da Geopolítica

Relembremos os postulados de base da geopolítica - uma ciência que foi anteriormente igualmente apelidada de “geografia política” e cuja elaboração deve ser fundamentalmente atribuída ao cientista e perito em política inglês Halford MacKinder (1861-1947). O termo geopolítica foi utilizado pela primeira vez pelo sueco Rudolf Kjellen (1864-1922) sendo de seguida difundido na Alemanha por Karl Haushofer (1869-1946). Mas de qualquer maneira, o pai da geopolítica continua a ser MacKinder, cujo modelo fundamental está na base de todos os estudos geopolíticos posteriores. O mérito de MacKinder é que este conseguiu delinear e compreender as leis objectivas precisas da história política, geográfica e económica da Humanidade.

Embora o termo “geopolítica” tenha surgido muito recentemente, as realidades designadas por este termo têm uma história plurimilenar. A substância da doutrina geopolítica pode resumir-se nos seguintes princípios: na história planetária apresentam-se duas abordagens opostas e em competição permanente para apreender o espaço planetário: a abordagem “terrestre” e a abordagem “marítima”. Conforme a abordagem à qual aderem os diversos Estados, povos ou nações - e de acordo com a sua consciência histórica, a sua política externa e interna, a sua psicologia, a sua visão do mundo, formam-se segundo regras completamente determinadas. Tendo em conta tais características, é perfeitamente possível falar de uma visão do mundo “terrestre”, “continental” ou mesmo “estepiana” (a “estepe” é a “terra” na sua forma pura, ideal), e de uma visão do mundo “marítima”, “insular”, “oceânica” ou “aquática” (denotaremos incidentalmente que as primeiras características de uma abordagem similar podem ser encontrados nos trabalhos dos eslavófilos russos, tais como Khomiakov e Kirievsky).

Na história antiga, as potências “marítimas” que se tornaram nos símbolos históricos da “civilização marítima” no seu conjunto foram a Fenícia e Cartago. O império terrestre que se opunha a Cartago era Roma. As guerras púnicas formam a imagem mais pura da oposição entre a “civilização marítima” e a “civilização terrestre”. A Inglaterra tornou-se, na época moderna e na história recente, o pólo “insular” e “marítimo”, “*a senhora dos mares*”, à qual se seguiu mais tarde a ilha-continente gigante, a América.

A Inglaterra, tal como a antiga Fenícia, utilizou em primeiro lugar como instrumento fundamental de dominação, o comércio marítimo e a colonização das regiões costeiras. O tipo geopolítico fenício/anglo-saxão, engendrou um modelo particular de civilização “*de mercado-capitalista-mercantil*” fundado, antes de tudo, sobre os interesses económicos e materiais e nos princípios do liberalismo económico. Por consequência, a despeito de todas as variações históricas possíveis, o tipo geral da civilização “marítima” está sempre ligado ao “*primado do económico sobre o político*”.

Por antinomia face ao modelo fenício, Roma representava um exemplo de estrutura autoritária-guerreira fundada sobre uma dominação administrativa e sobre uma religião civil, sobre o primado do “*político sobre o económico*”. Roma é o exemplo de um tipo de colonização puramente continental, não marítima, mas terrestre, com uma penetração profunda no continente e a assimilação dos povos submetidos, invariavelmente “romanizados” depois da conquista.

Na história moderna, as encarnações da potência “terrestre” foram o Império Russo e também os impérios Austro-Húngaro e o da Alemanha da Europa Central. A “Rússia/Alemanha/Áustria-Húngria” são o símbolo essencial da “terra geopolítica” na história moderna.

MacKinder demonstrou claramente que em todos estes últimos séculos a “atitude marítima” significa Atlantismo, tal como hoje em dia as “potências marítimas” são antes de tudo a Inglaterra e a América, quer isto dizer países anglo-saxónicos.

Face ao “atlantismo” que personifica o primado do individualismo, do “liberalismo económico” e da “*democracia de tipo protestante*”, perfila-se o Eurasismo, que pressupõe necessariamente o autoritarismo, a hierarquia e o estabelecimento de princípios nacionais-estatais “comunitários” acima das preocupações meramente humanas, individualistas e económicas. A atitude eurásica claramente expressa é típica, antes de mais, da Rússia e da Alemanha, as duas potências continentais mais fortes, cujas preocupações geopolíticas, económicas e - o mais importante - a visão do mundo são completamente opostas às da Inglaterra e dos Estados Unidos, ou seja dos “atlantistas”.

A “Conspiração dos Atlantistas”

MacKinder, na sua qualidade de inglês e “atlantista”, apercebeu-se do perigo de uma consolidação eurásica e, desde o final do século XIX, apelou ao governo da Inglaterra para que este fizesse tudo o que fosse o possível a fim de impedir uma aliança eurásica, e em particular uma aliança Rússia-Alemanha-Japão (considerava o Japão como uma potência com uma visão do mundo essencialmente continental e eurásica). Em MacKinder podemos

encontrar a ideologia claramente formulada e minuciosamente descrita do “atlantismo” consumado e absoluto, cuja doutrina se encontra na base da estratégia geopolítica anglo-saxónica no século XX.

Partindo daí, podemos definir a essência do trabalho de recolha de informações, de espionagem militar, de *lobbying* político, favorável à Inglaterra e aos Estados Unidos, como sendo o da “ideologia atlantista”, a ideologia da “nova Cartago” - a que é comum a todos os “agentes de influência”, a todas as organizações secretas e ocultas, a todas as lojas e a todos os clubes de acesso reservado que serviam, e que servem, a ideia anglo-saxónica no século XX e que penetram a rede de todas as potências “eurásicas” continentais. E naturalmente, isto diz respeito em primeiro lugar aos serviços de informações ingleses e americanos (em particular a CIA), que não são simplesmente as “*sentinelas do capitalismo*” ou do “americanismo”, mas também as sentinelas do “atlantismo”, que os une por intermédio de uma super ideologia profundamente enraizada e plurimilenar de tipo “oceânico”. Ao conjunto de todas as “redes” de influência anglo-saxónicas, é possível dar o nome de “*participantes na conspiração atlantista*”, que agem não somente em prol de cada país per si, mas também em prol de uma doutrina geopolítica particular, metafísica no final das contas, que veicula uma visão do mundo extremamente complexa, diversificada e difundida, e contudo essencialmente uniforme.

Desta forma, generalizando as ideias de MacKinder, é possível dizer que existe uma “*conspiração dos atlantistas*” que é histórica, e prossegue através dos séculos os mesmos objectivos geopolíticos orientados para os interesses de uma “civilização marítima” de tipo neo-fénicio. É importante realçar que os “atlantistas” podem ser de “esquerda” como de “direita”, “ateus” ou “crentes”, “patriotas” ou “cosmopolitas”, uma vez que uma visão geopolítica comum do mundo se encontra por detrás de todas as diferenças nacionais e políticas particulares.

Devemo-nos pois debruçar sobre a “conspiração oculta” mais antiga, cuja significação e causa metafísica intrínseca permanecem frequentemente completamente obscuras para os seus participantes de base, e mesmo para as suas figuras principais.

A “Conspiração dos Eurásicos”

As ideias de MacKinder, ao revelarem esta regularidade histórica e política precisa o que muitos outros anteriormente tinham adivinhado ou previsto, abriram a via à formulação ideológica explícita da oposição ao atlantismo, sob a forma da pura “doutrina eurásica”. Os primeiros princípios da geopolítica eurásica foram formulados pelos imigrantes “Russos Brancos” conhecidos sob o nome de eurásicos (o príncipe N. Trubetskoy, Savitsky, Florovsky, etc.) e pelo famoso geopolítico alemão Karl Haushofer.

Para além disso, os frequentes encontros dos eurásicos russos com Karl Haushofer em Praga levam-nos a pensar que os geopolíticos alemães e russos desenvolveram temas associados simultaneamente e de maneira paralela.

Para mais, nas suas análises posteriores seguiram exactamente os mesmos princípios, insistindo na necessidade da aliança geopolítica eurásica da Rússia, da Alemanha e do Japão,

para fazer contrapeso à política atlantista que procurava opor a qualquer preço a Rússia à Alemanha e ao Japão. Os eurásicos russos e o grupo de Haushofer formularam os princípios exactos de uma visão do mundo continental, eurásica, alternativa aos ideais atlantistas.

É possível dizer que, pela primeira vez, exprimiram aquilo que se encontrava por detrás de toda a história política europeia do último milénio, tendo remontado aos vestígios da “*ideia imperial romana*” que após a antiga Roma, por intermédio de Bizâncio, foi transmitida à Rússia, e através do Sacro Império Romano Germânico medieval, à Áustria-Hungria e à Alemanha.

Deste modo os eurásicos russos, tendo realçado a importância continental dos turcos, analisaram atentamente e em profundidade a missão “terrestre” imperial de Gengis Khan e dos mongóis na sua máxima amplitude.

O grupo de Haushofer, por seu lado, estudou o Japão e a missão continental dos Estados do Extremo Oriente na perspectiva de uma futura aliança geopolítica.

Assim sendo, em resposta à franca confissão de MacKinder, que revelava a estratégia atlantista planetária secreta que tinha as suas raízes mais profundas no século anterior, os eurásicos russos e alemães descobriram nos anos 1920 a lógica da estratégia continental alternativa, a “ideia imperial” terrestre secreta, herdeira de Roma, que inspirava invisivelmente as políticas de poderio (*derzhava*) com uma visão do mundo idealista-autoritária, heroica-comunitária - do império de Carlos Magno à União Sagrada proposta pelo grande czar russo Alexandre I - uma profunda mística eurásica invisível.

A ideia eurásica é tão mundial quanto a ideia atlantista, e também ela tinha colocado os seus “agentes secretos” em todos os Estados e nações históricas. Todos aqueles que trabalharam incansavelmente pela união eurásica, aqueles que durante séculos se opuseram à propagação no continente de conceitos individualistas, igualitários e democrático-liberais (reproduzindo no seu conjunto o espírito fenício típico do “*primado da economia sobre o político*”), aqueles que tiveram a aspiração de unir os grandes povos eurásicos na atmosfera do Oriente, em vez de o fazerem na atmosfera do Ocidente - quer se trate do Oriente de Gengis Khan, do Oriente da Rússia ou do Oriente da Alemanha - foram todos “agentes eurásicos”, portadores de uma doutrina geopolítica particular, “*soldados do continente*”, “*soldados da Terra*”.

A sociedade secreta eurásica, a Ordem dos Eurásicos, não começa de forma alguma com os autores do manifesto *Viragem para Oriente* ou com o *Jornal de Geopolítica* de Haushofer. Tal foi, resumindo, somente a revelação, o resultado de um conhecimento determinado que existia desde o princípio dos tempos, ao mesmo tempo que as suas sociedades secretas e redes associadas de “agentes de influência”.

Tal como no caso de MacKinder, a sua pertença às enigmáticas “sociedades secretas” está historicamente estabelecida.

A Ordem da Eurásia contra a Ordem do Atlântico (da Atlântida); a Roma eterna contra a eterna Cartago.

A guerra púnica oculta decorria desde há milénios.

A conspiração planetária da Terra contra o Mar, da Terra contra a Água, do Autoritarismo e da Ideia contra a Democracia e a Matéria.

Os paradoxos, as contradições, as omissões e as fantasias sem fim da nossa história não se tornam mais claras, mais lógicas e mais razoáveis, se as olharmos a partir da perspectiva de

um dualismo geopolítico oculto? As inumeráveis vítimas, através das quais a humanidade paga no nosso século o preço dos projectos políticos mal definidos, não adquirem elas, nesse caso, uma profunda justificação metafísica? Não será um gesto nobre e pleno de gratidão, reconhecer todos aqueles que tombaram nos campos de batalha do século XX como sendo os soldados-heróis da Grande Guerra dos Continentes, em vez de fazer deles marionetas complacentes de regimes políticos convencionais em constante mutação, transitórios e instáveis, efémeros e fortuitos, insensatos num tal grau que morrer por eles parece trivial e estúpido?

O caso muda de figura se os heróis caídos serviram a Grande Terra e o Grande Oceano, se para lá do âmbito da demagogia política e da propaganda excessiva de ideologias efémeras, serviram os grandes desígnios geopolíticos perante a história planetária plurimilenar.

“Sangue e Solo” - “Sangue ou Solo”?

O famoso filósofo, pensador e propagandista religioso russo, Konstantin Leontiev pronunciou esta forma extremamente pertinente: “*A eslavidade (slavianstvo) existe, o eslavismo não existe.*” Uma das conclusões geopolíticas fundamentais deste notável autor era a oposição entre a ideia de “pan-eslavismo” e a ideia “asiática” (*asiatskoï*). Se analisarmos atentamente esta oposição, detectaremos um critério tipológico geral que nos permitirá compreender melhor a estrutura e a lógica da guerra geopolítica oculta da Ordem Eurásica contra a Ordem Atlântica.

Contrariamente à combinação eclética dos termos no conceito “*Sangue e Solo*” do ideólogo alemão do campesinato nacional-socialista Walter Darré, no terreno da guerra oculta das forças geopolíticas no mundo moderno, este problema é formulado de forma diferente - ou seja “*Sangue ou Solo*” - por outras palavras, os projectos tradicionalistas que visam preservar a identidade do povo, do Estado ou da nação encontram-se sempre perante uma alternativa - a ter em conta como critério dominante, ou “*a unidade da nação, da raça, da etnia, da unidade do sangue*”, ou “*a unidade do espaço geográfico, a unidade das fronteiras, a unidade do solo*”. Assim todo o drama consiste na necessidade da escolha: “ou - ou”, e cada hipotético “e” não passa de um slogan utópico, que não é decisivo, e que mais não faz do que obscurecer a complexidade do problema.

O engenhoso Konstantin Leontiev, tradicionalista convencido e russófilo radical, colocou precisamente esta questão: “*os russos devem ou insistir na unidade dos eslavos, no eslavismo (o ‘sangue’), ou virarem-se para o Oriente e compreender a afinidade geográfica e cultural dos russos com os povos ligados aos territórios russos (o ‘solo’)*”.

Esta questão pode ser formulada em termos diferentes, como sendo uma escolha entre um voto de fidelidade à supremacia da lei da “raça” (‘nacionalismo’) ou à “geopolítica” (o ‘Estado’, a ‘cultura’) o próprio Leontiev escolheu o “solo”, o “território”, a especificidade da cultura religiosa e estatal imperial grã-russa. Escolheu o “orientalismo” (*Vostokhnost*), o “asiatismo” (*asiatsnost*), o “bizantinismo”. Uma tal escolha implicava a prioridade dos valores continentais eurásicos, sobre os valores raciais e estritamente nacionais. A lógica de Leontiev desemboca de forma absolutamente natural no carácter inevitável da união russo-

alemã - em particular russo-austriaca - e à paz com a Turquia e o Japão. A recusa categórica por Leontiev do eslavismo e do pan-eslavismo suscitou a indignação por parte de numerosos eslavófilos retrógrados, que tinham ficado agarrados à posição de que “o sangue é mais importante que o solo”, do “sangue e solo”. Leontiev não foi compreendido nem escutado. A história do século XX demonstrou repetidamente a extraordinária importância dos problemas que levantou.

Pan-Eslavismo Contra Eurasismo

A tese “*o sangue é mais importante que o solo*” (no contexto russo, tal significa eslavismo, pan-eslavismo) revelou pela primeira vez todo o seu equívoco durante a Primeira Guerra Mundial, quando a Rússia, entrando numa aliança com os países da Entente (os ingleses, os franceses e os americanos) a fim de libertar os “irmãos eslavos” da dominação turca, começou não somente a combater os seus aliados geopolíticos naturais - a Alemanha e a Áustria - como também a mergulhar na catástrofe da revolução e da guerra civil. De facto, o eslavismo russo trabalhou ao lado dos atlantistas, da Entente e de um tipo de “*civilização neo-cartaginesa*” incarnada no modelo anglo-saxónico colonial-mercantil e individualista. Não é surpreendente que dos “patriotas pan-eslavistas” no círculo do imperador-soberano Nicolau II, a maioria estivesse a soldo dos serviços de informações ingleses ou simplesmente dos “*agentes de influência atlantista*”.

É interessante recordar um episódio da novela do patriota russo e *ataman* Peter Krasnov, intitulada *Da Águia Bicéfala à Bandeira Vermelha*, onde, no calor da Primeira Guerra Mundial, o herói principal pergunta ao coronel Sablin: “*Diga-me francamente, coronel, quem é que considera como sendo o seu verdadeiro inimigo?*”, e este último responde inequivocamente: “A Inglaterra!”. Convicção que não o impede de combater, honesta e corajosamente, pelos interesses ingleses contra a Alemanha, cumprindo o seu dever de lealdade absoluta para com o imperador eurásico.

O herói da novela de Krasnov é um exemplo ideal de patriota-eurásico russo, um exemplo da lógica do “*solo acima do sangue*” que era característica do conde Witte, do barão Ungern-Sternberg, da misteriosa organização *Baltikum*, formada por aristocratas bálticos que continuaram até ao último minuto devotados à família imperial (tal como no caos da traição geral, o príncipe turcomano permaneceu fiel ao czar com a sua divisão, como o descreve Krasnov na mesma novela). É digno de admiração ver até que ponto agiram corajosa e nobremente, em 1917, os asiáticos, os turcos, os alemães e outros provenientes “*de outras pátrias*” (*inorodtsi*) que serviram, com fé e verdade, o czar e o império, a Eurásia, o “solo”, o “continente” - contrariamente a muitos eslavos e pan-eslavistas, que rapidamente fizeram por se esquecer de Constantinopla e dos “*irmãos dos Balcãs*” fugindo da Rússia, abandonando o czar e a pátria pelos países sob influência “atlântica”, pelo oceano ocidental, pela água, traindo não somente a terra natal, mas também a grande ideia da Roma eterna, a terceira Roma russa, Moscovo.

Os Atlantistas e o Racismo

Na Alemanha, a afirmação da ideia “*o sangue é mais importante que o solo*” produziu não menos terríveis consequências. Contrariamente aos patriotas alemães russófilos e eurásicos - Arthur Moeller van den Bruck, Karl Haushofer, etc. - que insistiam na “*supremacia da lei do espaço vital*” no interesse de todo o continente, na ideia de “bloco continental” - no interior do governo do Terceiro *Reich*, a vitória coube finalmente ao *lobby* atlantista que advogava teses racistas e que - sob pretexto do “*parentesco das etnias anglo-arianas e alemãs*” - visava desviar para Leste a atenção de Hitler suspendendo (ou pelo menos enfraquecendo) as acções de guerra contra a Inglaterra.

Neste âmbito, o pan-germanismo (tal como o pan-eslavismo russo durante a Primeira Guerra Mundial) não fez mais do que trabalhar para os atlantistas. E é completamente lógico que um inimigo maior da Rússia, aspirando constantemente a levar a Alemanha de Hitler a empenhar-se num conflito com a Rússia, com os eslavos (por razões “raciais”, “*o sangue é mais importante que o solo*”) tenha sido o espião inglês e traidor ao *Reich*, o almirante Canaris. O problema “*sangue ou solo*” é extremamente importante também porque a escolha de um desses dois termos em detrimento do outro permite identificar - talvez indirectamente e por interposta pessoa - os “*agentes de influência*” desta ou daquela visão geopolítica do mundo, em particular no que diz respeito à ala “direita” ou aos “nacionalistas”. A característica essencial da “conspiração geopolítica” dos atlantistas (tal como, não obstante, a dos eurásicos) é que esta cobre completamente o espectro das ideologias políticas, da extrema-direita à extrema-esquerda, embora de uma maneira ou de outra os “agentes de influência geopolíticos” deixem sempre transparecer as suas características particulares. No caso da “direita”, um indício de atlantismo potencial é o princípio do “sangue acima do solo” o qual, tudo somado, faz com que nos esqueçamos dos aspectos fundamentais dos problemas geopolíticos, desviando a atenção dos dirigentes e dos homens de Estado para questões de menor importância.

Quem é o Espião de Quem?

Como exemplo do efeito da ideologia geopolítica oculta da “esquerda”, podemos mencionar os nacional-bolcheviques eurásicos da Alemanha - por exemplo, o comunista-nacionalista alemão Ernst Niekisch, o conservador revolucionário Ernst Jünger, os comunistas Lauffenberg, Petel, Schultze-Boysen, Winnig, etc. Também encontramos indubitavelmente nacional-bolcheviques eurásicos entre os russos, e é de facto curioso que o próprio Lenine durante o seu exílio tenha aspirado a colaborar com políticos e financeiros alemães; para além disso, muitas das suas teses eram francamente germanófilas.

Não queremos neste caso afirmar que Lenine estava implicado na Ordem Eurásica, mas que de uma certa forma estava sobre a influência desta Ordem. De qualquer maneira, a oposição “*Lenine = espião alemão*” - “*Trotsky = espião americano*” correspondia realmente a um esquema tipológico preciso. Em todo o caso, ao nível puramente geopolítico, a actividade do governo de Lenine teve um carácter eurásico, quanto mais não seja porque, contrariamente à doutrina marxista autêntica, preservou o grande espaço eurásico unificado do império russo

(Trotsky, por seu lado, insistia na exportação da revolução, insistia na mundialização, e considerava a União Soviética como algo de transitório e efémero, como uma testa de ponte para a expansão ideológica, algo que deveria desaparecer com a vitória planetária do “messianismo comunista”; no seu conjunto, a missão de Trotsky tinha a marca do atlantismo, por oposição ao comunista eurásico Lenine).

O próprio “internacionalismo” leninista-bolchevique tinha um distinto princípio imperial, eurásico, de “*solo acima do sangue*” - embora, certamente, este princípio tenha sido deformado e mal interpretado por causa da influência de outros aspectos da ideologia bolchevique e, mais importante ainda, por causa das actividades de agentes de influência do atlantismo no próprio seio do governo comunista.

Somando todas estas razões, é possível dizer que uma característica distintiva dos representantes da Ordem Eurásica na Rússia foi uma germanofilia quase “obrigatória” (ou pelo menos, uma “anglofobia”) enquanto que, inversamente, na Alemanha os eurásicos estavam “constrangidos” a ser russófilos.

Moeller van den Bruck fez outrora um reparo muito exacto: “*Os conservadores franceses sempre se sentiram estimulados pelo exemplo da Alemanha, os conservadores alemães, pelo exemplo da Rússia*”. Isto revela toda a lógica do plano de fundo geopolítico e continental do combate oculto invisível que se desenrola através dos séculos - a guerra oculta dos continentes.

Disse GRU, Sr. Parvulesco?

Único entre os conspirólogos a realçar constantemente o carácter geopolítico da “conspiração mundial” ou, mais exactamente, as duas alternativas das “conspirações mundiais” (eurásica e atlantista), encontramos Jean Parvulesco, talentoso escritor, poeta e metafísico francês, autor de numerosos trabalhos literários e filosóficos.

Durante a sua longa vida, extremamente rica em acontecimentos, conviveu pessoalmente com numerosas figuras eminentes da história europeia e mundial, entre os quais os representantes da “*história oculta e paralela*” - místicos, maçons de primeiro plano, cabalistas, esotéricos, agentes secretos de diversos serviços especiais, ideólogos, políticos e artistas (nomeadamente foi amigo de Ezra Pound, Julius Evola, Arno Brecker, Otto Skorzeny, Pierre de Villemarest, Raymond Abellio, etc.).

Tendo ouvido falar da especificidade dos nossos estudos conspirológicos, Parvulesco forneceu-nos certos documentos classificados como estritamente confidenciais, que nos permitiram descobrir numerosos detalhes importantes da conspiração geopolítica planetária. Os materiais que dizem respeito à actividade das organizações ocultas secretas da Rússia apresentam um particular interesse.

Na descrição que se segue, tentaremos expor os aspectos mais interessantes da concepção de Parvulesco.

A 24 de Fevereiro de 1989 em Lausanne, perante os membros do conselho de administração do misterioso Instituto de Estudos Metaestratégicos Especiais Atlantis, Jean Parvulesco apresentou um relatório sobre o curioso título de *A Galáxia do GRU*, subtintulado

“A Missão Confidencial de Mikhaïl Gorbatchev, a URSS e o Porvir do Grande Continente Europeu”. Neste relatório - do qual Parvulesco nos transmitiu uma cópia - analisava o papel oculto do serviço de informações militar soviético chamado GRU (*Glavnoé Razvedivatelnoé Upravlenié*, Serviço de Informações Principal), e os laços do GRU com a ordem secreta da Eurásia. Como referência, Parvulesco escolheu o livro do especialista bem conhecido dos serviços especiais soviéticos, o famoso agente da contra-espionagem francesa e director do Centro de Documentação Europeu, Pierre de Villemarest, que em 1988 publicou em França o best-seller *GRU, O Mais Secreto dos Serviços Soviéticos, 1918-1988*.

GRU Contra KGB

O modelo conspirológico do próprio Villemarest pode resumir-se como se segue: “O KGB é uma continuação do partido, o GRU é uma extensão do exército”. Desde logo, por definição, o exército defende o Estado, o KGB defende o partido. O KGB é guiado pelo princípio “o patriotismo está ao serviço do comunismo”, enquanto que o exército é guiado pelo princípio oposto “o comunismo está ao serviço do patriotismo”. A partir desta lógica de oposição entre GRU e KGB, na sua qualidade de mais secretos centros do poder bipolar na URSS (o exército e o partido), Villemarest construiu uma bem argumentada e fascinante narração da história do GRU.

O sentido secreto da história invisível da URSS, da Revolução de Outubro à *Perestroika*, deve ser procurado na rivalidade dos “vizinhos” - o GRU, o “Aquário” ou “Secção Militar 44.388” em Khodynka, e o KGB, o “serviço”, na Lubianka. Mas qual é a ligação entre estes serviços especiais rivais e as duas ordens geopolíticas planetárias, ainda mais secretas e ocultas que os serviços de informações mais secretos?

Segundo Parvulesco, a Ordem Eurásica esteve particularmente activa na Rússia no principio do século XX. Entre os seus representantes, contavam-se o Dr. Badmaiev de S. Petersburgo, o Barão Ungern von Sternberg, os superiores escandinavos secretos de Rasputine (assinando as suas mensagens cifradas sob o pseudónimo de “Vert”) e muitas outras personagens menos conhecidas. É necessário igualmente realçar o papel particular do futuro marechal Mikhaïl Toukhatchevski que, segundo Parvulesco, foi iniciado na misteriosa Ordem Polar durante a sua estada no campo de prisioneiros alemão de Ingolstadt - onde, curiosamente, justamente no mesmo período de 1916-1918, encontramos outras figuras maiores da história moderna: o general de Gaulle, o general von Ludendorff e o futuro papa Pio XII, monsenhor Eugenio Pacelli.

Este grupo de místicos geopolíticos russos, passou mais tarde o testemunho ao regime bolchevique, mas sobretudo aos esotéricos de tendência continental agrupados no exército, nas suas estruturas, onde havia um número significativo de antigos oficiais do império que se tinham juntado às fileiras dos vermelhos para mudar a atitude niilista dos bolcheviques a longo prazo, e para criar a Grande Potência Continental utilizando os comunistas, pragmaticamente possuídos pela ideia messiânica.

O que importa é que entre os vermelhos haviam alguns agentes da Ordem Eurásica executando uma missão continental secreta (é curioso que o famoso bandido vermelho

Kotovskiy tenha sido um anarquista de esquerda, ocultista e místico, e que certas passagens particulares da sua biografia justifiquem a opinião de que no seu caso tenha tido contactos com a Ordem Eurásica).

Assim sendo, entre os eurásicos russos pré-revolucionários e pós-revolucionários, existiu uma continuidade.

A criação do Exército Vermelho deveu-se aos agentes da Eurásia; e a este respeito é curioso recordarmo-nos de um acontecimento histórico, a saber que vinte e sete dias após a criação do Quartel General do Exército Vermelho na Frente Leste (10 de Julho de 1918), uma equipa de tchekistas o tenha atacado liquidando todos os seus membros, incluindo o Comandante em Chefe.

A feroz guerra entre os “eurásicos vermelhos” do exército e os “atlantistas vermelhos” da *Tcheka* de Djerdjinski não parou um só minuto desde os primeiros dias da história soviética.

Mas a despeito das vítimas, os agentes da Ordem Eurásica entre os vermelhos não abandonaram a sua missão. Um triunfo dos eurásicos foi, em 1918, a criação do GRU no seio do Exército Vermelho, sob a direcção de Semion Ivanovitch Aralov, antigo oficial do império ligado às informações militares até 1917. Mais precisamente, Aralov era o chefe do departamento operacional do *Vseroglavstab* (Estado Maior Pan-Russo), cujo serviço de informações era uma das suas partes constitutivas. O particularismo da sua actividade, essa misteriosa imunidade, quase mítica, da qual este homem beneficiou toda a sua vida atravessando as “purgas” mais minuciosas (morreu de morte natural a 22 de Maio de 1969), e também outros detalhes da sua biografia levam-nos a ver em Aralov o homem da ordem continental.

Eurásicos Brancos - Eurásicos Vermelhos

Segundo Parvulesco, a fieira russa da Ordem Eurásica depois da revolução foi estabelecida no Exército Vermelho, mais precisamente, no seu departamento mais secreto: o GRU. Mas isto somente dizia respeito, é claro, aos eurásicos vermelhos.

Os eurásicos “brancos” na Europa juntaram-se geralmente aos nacionalistas alemães, encontramos representantes desta ordem na Abwehr. E mais tarde nas secções estrangeiras das SS e do SD (particularmente no SD, cujo chefe Heydrich era ele próprio um eurásico convicto, razão pela qual tombou vítima das intrigas do atlantista Canaris). A revolução dividiu os russos entre “vermelhos” e “brancos”, mas por detrás dessa divisão política formal havia uma misteriosa partição geopolítica diferente, entre as zonas de influência das duas ordens secretas - a atlântica e a eurásica. Na Rússia vermelha, os atlantistas estavam agrupados em volta da *Tcheka* e do partido, se bem que antes da nomeação de Khrushchev nenhum atlantista declarado tenha jamais ocupado o posto de secretário-geral (Lenine e Estaline eram eurásicos, ou pelo menos, estavam submetidos a uma forte influência por parte dos agentes da Ordem Eurásica).

Entre a imigração russa branca, os atlantistas não eram menos numerosos que na própria Rússia, e à parte dos espões ingleses evidentes - de liberais tal como Kerenski e de outros democratas e sócio-democratas - mesmo na área da extrema-direita, dos monárquicos, o *lobby*

atlantista era extremamente forte - pertencia-lhe mesmo um filósofo “de direita” como Berdiaev, e muitos outros (a esmagadora maioria dos emigrados russos que foram para os Estados Unidos estava ligada a esta tendência geopolítica). Num dado momento, no princípio dos anos 30, a rede dos agentes do GRU na Europa e particularmente na Alemanha penetrou profundamente nas estruturas dos serviços de informação alemão e francês, tendo a rede do GRU levado a melhor sobre a rede dos agentes do KNVD e mais tarde do KGB. Os agentes do GRU penetraram antes de tudo nas estruturas do exército e por vezes a plataforma eurásica fez com que o pessoal do GRU e outros agentes secretos europeus não fossem tão inimigos, mas antes aliados, colaboradores, preparando secretamente (mesmo à revelia dos seus próprios governos) um novo projecto continental. Novamente aqui falamos não de agentes duplos, mas da convergência de interesses geopolíticos mais elevados.

Assim, na Alemanha, o GRU entrou em contacto com um certo Walter Nikolaï, chefe do “Gabinete para a Questão Judaica”. Graças a ele, o GRU teve acesso às mais altas esferas da direcção da *Abwehr*, das SS e do SD. A figura central desta rede era o próprio Martin Bormann (este facto foi bem conhecido pelos Aliados após as descobertas do Processo de Nuremberga, e muitos de entre eles estavam certos que Bormann após 1945 estava precisamente escondido na URSS. Tem-se por certo que o próprio Walter Nikolaï passou realmente para o lado russo em Maio de 1945).

O Pacto Molotov-Ribbentrop e a Posterior Vingança dos Atlantistas

No que diz respeito a Martin Bormann, amigo de Ribbentrop e de Walter Nikolaï, o próprio Jean Parvulesco conta uma história extremamente reveladora, trazendo alguma luz aos segredos da guerra oculta entre as duas ordens geopolíticas.

Arno Brecker, o célebre escultor alemão, que conhecia Bormann muito bem, falou a Parvulesco de uma estranha visita deste último a Jackelsburg. “A 22 de Junho de 1941, imediatamente após o ataque da Alemanha de Hitler contra a URSS, Bormann visitou-o sem pré-aviso, em estado de choque, tendo deixado o seu serviço na Reichskanzlei. Repetia constantemente a mesma frase misteriosa: ‘O Não-Ser, neste dia de Junho, venceu o Ser... Está tudo acabado... Está tudo perdido’. Quando o escultor lhe perguntou o que é que ele queria dizer, Bormann permaneceu silencioso; de seguida, à porta, voltou-se como se quisesse dizer algo mais, mudou de ideias, e bateu com a porta”.

Foi o afundar dos esforços a longo prazo dos agentes eurásicos. Para os atlantistas, a data de 22 de Junho de 1941 foi um grande dia de festa: a guerra intra-continental das principais potências eurásicas, uma contra a outra, era uma promessa de triunfo para a ordem atlântica, qualquer que fosse o campo ao qual coubesse a vitória. O 22 de Junho de 1941 foi para a ordem dos eurásicos um acontecimento ainda mais trágico do que a Revolução de Outubro.

É importante realçar que os agentes da Ordem Eurásica deram o seu melhor para evitar o conflito. Os preparativos para a plena conclusão do pacto simbólico Molotov-Ribbentrop (ambos eram eurásicos convictos) foram activamente levados a cabo pelos dois lados durante longos anos. Em 1936, Estaline, tendo-se inclinado definitivamente no limiar dos anos 30 para o lado da Ordem Eurásica, tinha dado a Berzin, chefe do GRU (Berzin foi a excepção à regra:

um agente do atlantismo que dirigia a organização eurásica e trabalhava no interior desta para o NKVD), esta ordem: “*Suspendam imediatamente toda a actividade contra a Alemanha*” (note-se que Berzin ignorou esta ordem).

Em 1937, Heydrich e Himmler num documento secreto asseguraram ao *Führer* que “*A Alemanha já não é um alvo da actividade do Komintern, nem de outras actividades subversivas soviéticas*”.

O pacto Molotov-Ribbentrop foi o auge do sucesso estratégico para os eurásicos. Mas no último momento as forças oceânicas triunfaram. Os eurásicos no GRU, e mais geralmente no exército - Vorochilov, Timochenko, Joukov, Golikov, etc. - recusaram-se até ao último momento a crer na possibilidade de uma guerra, uma vez que a importante influência do *lobby* eurásico (ou seja russófilo) no Terceiro *Reich* era do seu pleno conhecimento (tinham a propaganda nacional-socialista anti-eslava por insignificante e superficial, tal como a retórica internacionalista demagógica marxista na URSS).

O general Golikov (que dissimulava as suas origens nobres, a sua verdadeira data de nascimento e também a sua verdadeira biografia, por motivos puramente ligados à conspiração no interior da Ordem Eurásica) recriminou mesmo os seus subordinados, que tinham recebido a notícia da violação da fronteira soviética pelos alemães: “*Provocação inglesa! Averiguem!*”. Não sabia nesse momento o que Martin Bormann já sabia: “*O Não-Ser venceu o Ser*”.

Contornos do Lobby Atlântico

A ordem secreta do Atlântico tem uma história muito antiga. Certos autores tradicionalistas fazem-na remontar às sociedades iniciáticas do Antigo Egipto e particularmente a uma seita que adorava o deus Seth, cujos símbolos eram o Crocodilo e o Leviatã (ou seja, animais aquáticos), e também o asno vermelho (ver Jean Robin, *As Sociedades Secretas Perante o Apocalipse*, e J. M. Allemand, *René Guénon e as Sete Torres do Diabo*, etc.) mais tarde, a seita de Seth fundiu-se com diversos cultos fenícios, em particular com o sanguinário culto de Moloch.

Segundo o conspiralologista francês do século XIX, Claude Grasset d’Orcet, esta organização secreta ainda existia numerosos séculos após a ruína da civilização fenícia. Na Europa da Idade Média, existia sob o nome de Menestréis de Morgana, cujo emblema era a “*Dança da Morte*” ou Dança Macabra.

Grasset d’Orcet afirmava que a Reforma de Lutero tinha sido conduzida segundo as instruções desta seita e que os protestantes (em particular os anglo-saxónicos e os franceses) ainda estavam debaixo da sua influência. Jean Parvulesco pensa que Giuseppe Balsamo, o famoso Cagliostro, era um dos principais agentes desta ordem secreta que voltou à tona no final do século XVIII sob a máscara da maçonaria “egípcia” irregular do Rito de Memphis, mais tarde de Memphis-Misraïm uma tal pré-história simbólica do atlantismo caracteriza o fundo da sua estratégia geopolítica e económico-cultural. O seu sentido reduz-se a colocar o ênfase sobre os valores “horizontais”, a trazer para o primeiro plano os aspectos inferiores do ser humano e da sociedade no seu conjunto. Isto não significa que o atlantismo seja idêntico

ao vulgar materialismo, mas que em todo o caso o aspecto “materialista”, puramente económico, comercial, da actividade humana, tem nele um lugar central.

A noção de um sistema de valores a nível puramente humano supõe o individualismo e um antropocentrismo radical, típicos do atlantismo em todas as suas manifestações, paralelamente a esta noção surge aqui o cepticismo “atlântico” típico e a ironia desvalorizadora no que diz respeito à medida idealista, supra-humana, da vida. De facto, as imagens do asno vermelho da dança da morte reflectem perfeitamente a essência do cepticismo “atlântico”. De acordo com a estranha lógica da história, as formas mais radicais do protestantismo, do individualismo, da consciência crítica social e religiosa depois da Reforma de Lutero, foram “atraídas” como que por um magneto para as regiões atlânticas - para a Inglaterra e mais longe em direcção ao Ocidente, ainda mais profundamente para o Atlântico - para a América, onde encontraram terreno favorável as formas mais extremistas do protestantismo radical encarnado nos baptistas, nos *quakers* e nos mórmons (J. M. Allemand notou uma coincidência simbólica: foi de Cádiz - um porto que foi historicamente o principal centro das colónias fenícias na Península Ibérica - que Cristóvão Colombo partiu para a sua expedição atlântica, concluída com a descoberta da América).

Mas a consolidação da Ordem Atlântica no extremo Ocidente e a criação de uma civilização exclusivamente atlântica nos Estados Unidos, de acordo com o projecto desta Ordem, não eram senão uma fase intermediária nos planos “neo-cartagineses” dos atlantistas. O avanço estratégico seguinte consistiu em exportar o modelo atlântico para outros continentes, realizando a colonização geopolítica de todo o planeta, exportando o Ocidente, no sentido místico e geopolítico, para todo o mundo, incluindo é claro também o Oriente. Por consequência, a rede dos agentes atlantistas nos Estados da Eurásia não prosseguia somente um objectivo defensivo (enfraquecer a força geopolítica alternativa) mas supunha também operações ofensivas. A guarda avançada do atlantismo na Europa era formada por movimentos subversivos “de esquerda”, anarquistas, se bem que no seu meio tenha existido sempre uma oposição eurásica interna. Contudo, é necessário reconhecer que o “socialismo económico” e o comunismo no seu tipo teórico e puro eram uma forma “atlântica” de propaganda, a máscara socio-política da Ordem Secreta do asno vermelho.

Se levarmos em conta as doutrinas específicas geopolíticas e ocultas do pólo atlântico, vemos claramente porque é que os movimentos subversivos “de esquerda” foram tão encorajados pelas potência anglo-saxónicas nos países continentais, europeus e eurásicos, enquanto que na Inglaterra, e sobretudo na América, os comunistas e os sociais-democratas constituem uma percentagem insignificante. Para o *lobby* atlantista, as pessoas “de esquerda” foram sempre a quinta coluna na Eurásia. Daí vem também essa harmonia natural entre os atlantistas russos da tendência comunista e os capitalistas anglo-saxónicos, que conduz tão frequentemente os especialistas e os historiadores estrangeiros a um impasse, espantados com uma compreensão mútua tão completa entre “*inimigos de classe*” - entre os bolcheviques “messiânicos” com a sua ditadura do proletariado e os banqueiros de *Wall Street* e o seu culto do Bezerro d’Ouro. Sociedade secreta da Dança da Morte do Asno Vermelho, dos Menestréis de Morgana, Fraternidade do Oceano - Estas imagens ajudar-nos-ão a compreender a lógica do *lobby* atlantista mundial, que aspira não somente a defender as suas “ilhas”, mas também a transformar todo o planeta em Cartago, em “mercado humano unificado universal”.

O KGB ao Serviço da “Dança da Morte”

Pierre de Villemarest definiu correctamente a *Tcheka* (OGPU, NKVD, KGB) como a “*continuação do partido*”. Seria ainda mais exacto dizer-se que ela era o centro secreto do partido, o seu espírito e a sua alma.

Jean Parvulesco completou esta definição por uma análise geopolítica oculta. Segundo Parvulesco, o KGB era o centro de influência mais directo da Ordem Atlântica, a ordem da Dança da Morte. O KGB era uma máscara desta ordem. Muitos adivinharam um plano de fundo oculto nesta organização. Alguns falaram mesmo da existência no KGB de uma organização secreta de estudos parapsicológicos, de uma sociedade de magia negra, a denominada Sociedade de Viy, onde todas as figuras políticas dirigentes da URSS recebiam, por assim dizer, a sua consagração. Contudo, o burburinho a propósito da misteriosa Sociedade Viy não eram senão, muito provavelmente, uma descrição simplificada em excesso e grotesca de uma realidade muito mais subtil e profunda, dado que a missão oculta do KGB não se reduzia de forma alguma às experiências mágicas ou parapsicológicas pelas quais, notemo-lo, esta organização mostrou sempre realmente um interesse anormalmente elevado.

O KGB foi inicialmente concebido como a única estrutura ideológico-punitiva designada para vigiar os cidadãos do espaço social e cultural comunista. Os comunistas, na sua dimensão ideológica, messiânica, marxista, nas suas relações com a população eurásica das regiões a eles submetidas, erigiram-se sempre em colonizadores, em recém chegados, guardando sempre uma distância ideológica face às necessidades, às reivindicações e aos interesses da população indígena.

A um nível puramente “ideal”, visavam impor aos povos eurásicos um modelo centrado na economia, não natural para estes últimos, o que obrigou os primeiros a utilizar um aparelho repressivo. A *Tcheka* (OGPU, NKVD, KGB) foi inicialmente a paródia de uma ordem de “cavalaria ideológica” com a missão de punir os autóctones e reprimir a sua inclinação natural pelo “solo”. A *Tcheka* (e o KGB) também professavam a tese do “sangue acima do solo”, mas numa versão já completamente errónea, sanguinária e sádica, como um eco perturbador do sangrento culto fenício de Moloch, ao qual os agentes atlantistas estavam tipológica e geneticamente ligados. A *Tcheka*-KGB serviu sempre a “*Dança da Morte*”, e numerosos paradoxos e histórias duvidosas (por causa da sua desumanidade) ligadas a esta obscura organização tornam-se mais claras, se levarmos em consideração o laço não somente metafórico mas ocultista-esotérico desta ordem com os mais antigos cultos do Médio Oriente, cujos adeptos jamais deixaram de existir na realidade, formando uma cadeia secreta por intermédio das organizações secretas europeias e do Médio Oriente de tipo atlantista.

A Convergência dos Serviços de Informações e a “Missão Polar do GRU”

A CIA, enquanto instrumento do atlantismo americano, pertence tipologicamente à mesma categoria conspirológica. Para além disso, nas origens desta organização encontramos figuras de primeiro plano da maçonaria americana - que, diga-se de passagem, os maçons europeus consideram como irregular, ou seja herética e sectária (contudo aqui surge uma questão válida per si: não serão os Estados Unidos na sua totalidade, no domínio da religião

ou da metafísica, heréticos e sectários?).

A CIA, como o KGB, nunca foi indiferente à magia e à parapsicologia, e no seu conjunto o seu papel na civilização moderna é muito comparável ao papel do KGB.

A CIA (e os seus predecessores), com os serviços secretos ingleses, desde o princípio do século, encheram a Eurásia com uma rede de agentes, que influenciaram constantemente o curso dos eventos históricos num sentido atlantista.

De uma certa maneira, é perfeitamente possível falar de uma “*convergência dos serviços especiais*”, de uma “ *fusão*” do KGB e da CIA, da sua unidade de *lobbying* a nível geopolítico. Isto explica uma tal abundância de supostos “*espões soviéticos*” nas esferas mais elevadas do poder americano, desde Hiss até Reserford que, segundo certos autores, transmitiu os planos da bomba de hidrogénio aos físicos soviéticos (é possível, a este propósito, que nesse *lobby* atlantista dos cientistas nucleares soviético-americanos o académico Sakharov tenha ele próprio travado conhecimento com os projectos mundialistas de tendência anti-eurásica, nos quais baseou mais tarde as suas ideias sociais e políticas futurológicas). É preciso notar que a duplicação da rede de agentes do KGB nos Estados Unidos e noutros países anglo-saxónicos por parte da rede de agentes do GRU foi um constante e secreto conflito com os agentes “*vizinhos*” da Lubianka; e dado a contradição radical entre as orientações geopolíticas e mesmo metafísicas dessas duas estruturas secretas soviéticas, seria lógico suspeitar que os verdadeiros e únicos adversários da CIA eram os agentes do GRU, e não de modo algum os do KGB.

Esta convergência dos serviços secretos, bem como o realinhamento convergente dos comunistas soviéticos do escalão mais elevado com os mundialistas americanos, são fundadas na unidade de orientação geopolítica fundamental, na unidade de uma estrutura secreta, que utiliza os atlantistas do Ocidente tal como os agentes atlantistas do Leste, ocupando por vezes os postos mais elevados no Estado e na *nomenklatura* política.

Mas a fusão completa e manifesta destes dois ramos da Ordem da Dança da Morte foi entravada a partir de um certo momento pelos esforços do *lobby* eurásico alternativo, geneticamente ligado ao GRU e ao Estado Maior soviético, mas incluindo também na sua rede numerosas estruturas de serviços de informações europeus e asiáticos (em particular da Alemanha, da França - devido aos projectos geopolíticos secretos do general de Gaulle - dos países árabes, etc.), unidos ao serviço da ordem alternativa, a Ordem da Eurásia - igualmente conhecida sob o nome de Sociedade dos Menestréis de Múrcia ou Ordem de Héliopolis, Ordem de Apolo, vencedor solar da serpente piton, serpente essa que a tradição grega identificava com o deus egípcio Seth, com o asno vermelho.

Ascensão e Eclipse do Sol Eurásico

Vamos agora expor brevemente as peripécias da guerra oculta da Ordem Eurásica contra a Ordem Atlântica no interior do sistema soviético. Como já mencionámos nos capítulos precedentes, Lenine aderira no seu conjunto à atitude eurásica.

É característico que debaixo da sua direcção o GRU tenha sido criado e dirigido pelo sincero eurásico Simeon Ivanovitch Aralov. O próprio Aralov impregnou a estrutura desta

formação secreta do exército com os princípios continentais eurásicos, reunindo em seu redor os “*Irmãos da Eurásia*” mais válidos e mais eficazes, que como ele tinham sido enviados para as fileiras dos vermelhos para levar a cabo a sua missão metapolítica especial. É curioso que no princípio dos anos 1960 Aralov tenha publicado um livro com o eloquente título: *Lenine Conduziu-nos à Vitória*.

É necessário realçar aqui um detalhe importante: a denominada “guarda leninista”, a despeito de uma afinidade política com Lenine, pertencia ao nível geopolítico na sua esmagadora maioria à orientação geopolítica alternativa, atlântica. Foram os “*mais próximos colaboradores de Lenine*”, e não o “*ambicioso tirano Estaline*” (como hoje em dia muitos ainda crêem erradamente), que estiveram por trás do seu desaparecimento do governo do país.

O fim da direcção leninista marcou por si mesma a passagem do poder para as mãos dos atlantistas, e de facto, durante a segunda metade dos anos 1920 e a primeira metade dos anos 1930, assistimos a uma melhoria significativa das relações entre a URSS e os países anglo-saxónicos, em primeiro lugar com os Estados Unidos. Paralelamente a isto assistimos também a permutações sintomáticas de quadros no interior do GRU. O atlantista e tchekista Berzin, criador de uma estrutura de informações com o apoio do *Komintern* e dos zelotas comunistas, ou seja de elementos atlantistas, é designado para substituir o eurásico Aralov.

Mas nem mesmo Berzin conseguiu mudar a orientação do GRU. As estruturas criadas por Aralov eram suficientemente fortes e ao mesmo tempo suficientemente flexíveis para não se renderem sem luta. A despeito de todos os ataques da *Tcheka*-NKVD contra o exército, os militares tinham uma autoridade significativa e preservaram a sua elite intelectual geopolítica nas fileiras do GRU. Um curioso detalhe merece atenção - todos os chefes do GRU que substituíram Aralov antes do princípio da Grande Guerra Patriótica foram executados.

Eis a lista: O. A. Stigga, A. M. Nikonov, Ya. K. Berzin, I. S. Unschlikht, S. P. Uritsky, N. I. Yezhov, I. I. Proskurov. Todos (salvo o general Proskurov), eram quadros não militares, todos trabalharam contra a ideia eurásica, mas tal não impediu o GRU de continuar a ser a única organização eurásica a agir secretamente em prol da realização do grande projecto continental.

A destituição de Berzin em 1934, após 9 anos na chefia do GRU, significou uma crise severa na guerra oculta, nos bastidores do poder soviético. A chegada de Hitler ao poder tinha reforçado extraordinariamente as posições do “lobby continental” no interior do governo soviético.

Em 1934, os agentes do GRU começaram a preparar a união estratégica germano-russa que atingiu o seu apogeu com o pacto Molotov-Ribbentrop. Estaline revelou definitivamente o seu apoio à orientação eurásica, pensando que as tendências anti-atlânticas do nacional-socialismo atrairiam sobre si a atenção das potências anglo-saxónicas e que, numa tal situação, seria possível, pelo menos, abrir caminho à destruição do poderoso lobby (atlântico) no interior da URSS. A destruição da “guarda leninista” começou.

Todos os processos estalinistas, por vezes aparentemente absurdos e completamente sem fundamento, estavam na realidade profundamente fundamentados a nível geopolítico. Todas as conspirações de “direita” e de “esquerda” eram perfeitamente reais - se bem que Estaline não se tenha decidido a nomeá-los directamente, incriminando o “lobby” atlantista no seu conjunto, que actuava já há muito tempo no governo soviético. Provavelmente, tinha razões para temer uma terrível e cruel reacção. Por consequência, foi obrigado a mascarar as suas

queixas contra este ou aquele grupo de quadros de alto nível sob acusações “funcionais” e qualificações alegóricas.

Camada após camada, Estaline liquidou os agentes de influência da “nova Cartago”, mas a reacção adversa era também inevitável. Um golpe particularmente severo desfechado ao *lobby* eurásico foi a execução do chefe da loja “polar” no interior do Exército Vermelho, o marechal Toukhatchevski. Mesmo que também neste caso a vingança dos atlantistas contra Toukhatchevski e todas as acusações que lhe foram feitas fossem profundamente fundamentadas, tal era somente verídico segundo uma perspectiva atlantista, no contesto da sabotagem anti-eurásica.

Segunda Parte: Após 1945

Depois da “Vitória”

A agressão de Hitler contra a URSS foi a grande catástrofe eurásica. Depois da terrível guerra fratricida entre dois povos aparentados, geopoliticamente, espiritualmente e metafisicamente próximos, entre dois regimes com orientação anti-atlantista, a Rússia de Estaline e a Alemanha de Hitler, a vitória da URSS foi de facto equivalente a uma derrota estratégica - uma vez que toda a experiência histórica demonstra que a Alemanha jamais se resignou com uma derrota, e que pela sua vitória o vencedor enceta desde logo o nó de um próximo conflito, semeando as sementes de uma futura guerra. Para além disso, Yalta levou Estaline a solidarizar-se com os Aliados, ou seja com as potencias que foram sempre os piores inimigos da Eurásia. Estaline, compreendendo perfeitamente as leis da geopolítica e tendo já feito a sua escolha eurásica, não podia deixar de o compreender.

Imediatamente após a derrota alemã, Estaline começou a realizar um novo projecto geopolítico, o Pacto de Varsóvia, integrando os países da Europa de Leste na esfera da grande Rússia soviética. Aqui surgiram os primeiros conflitos e os primeiros desacordos com os atlantistas.

Até 1948, Estaline disfarçou as suas intenções continentais e aprovou mesmo a criação do Estado de Israel, que foi o acto estratégico maior da Inglaterra (e mais geralmente, do atlantismo) para reforçar a sua influência militar, económica e ideológica no Próximo Oriente. Mas a partir de 1948, utilizando preferencialmente a quaisquer outros meios a cadeia de comando das posições políticas internas do exército (Joukov, Vassilievsky, Chtemenko, etc.), Estaline regressou à geopolítica eurásica ortodoxa, renovou as purgas anti-atlânticas no interior do governo soviético e pronunciou a “condenação” de Israel enquanto construção anti-continental criada pelos “espiões anglo-saxónicos”. Muito curiosamente, a morte de Estaline coincidiu com o momento mais dramático e tenso da realização dos planos eurásicos, no momento em que a perspectiva de uma nova união continental URSS-China era real, o que podia mudar radicalmente a lógica do alinhamento planetário das forças e levar à desforra da Grande Ordem Eurásica.

Se levarmos em conta estas razões e as condições geopolíticas da época pós estaliniana na URSS, a tese do assassinato de Estaline (avançada por numerosos historiadores europeus) torna-se mais do que provável.

O papel principal do NKVD e do seu chefe, o sinistro Beria, o pior inimigo do GRU, do Estado Maior e da Eurásia, no suposto assassinato de Estaline, foi assinalado pela maioria dos historiadores.

Em 1953, oito anos após a pseudo vitória, havia apenas que dar um passo para a verdadeira vitória (tal como em 1939). Mas em vez disso, o mundo assistiu à Queda do Titã.

A Missão “Polar” do General Chtemenko

Segundo Jean Parvulesco, desde a segunda metade dos anos 1940, o coronel-general Sergueï Matveievitch Chtemenko (1907-1976) seria uma figura chave do *lobby* geopolítico eurásico na URSS.

Os seus padrinhos eram o marechal Joukov e o general Aleksandr Poskrebichev (o qual, segundo certas fontes, desempenhava junto de Estaline uma missão similar à de Martin Bormann junto a Hitler, ou seja sendo o veículo das ideias germanófilas).

Durante os anos 1960, Chtemenko foi uma das figuras chave do exército soviético: em diferentes períodos foi comandante das Forças Armadas dos países do Pacto de Varsóvia e chefe do Estado Maior da URSS. Mas a mais importante das suas nomeações, segundo a linha fundamental do nosso estudo conspirológico, foi o seu posto de chefe do GRU nos anos 1946-48 e 1956-57. Com Chtemenko, o GRU viu serem completamente restauradas as suas características de ordem polar oculta, introduzidas na estrutura do GRU pelo seu fundador Aralov.

Pierre de Villemarest qualificou o coronel-general Chtemenko como sendo o primeiro e mais importante geopolítico soviético. Chtemenko era um apoiante natural e inequívoco do Grande Projecto Continental, em plena correspondência com a lógica tradicional da Ordem Eurásica. No seu livro, Villemarest escreveu a propósito deste: *“Chtemenko pertencia a essa casta particular de oficiais soviéticos que, por mais soviéticos que fossem, não deixavam de ser representativos do espírito grão-russo e das concepções expansionistas”*. Mais adiante: *“Para esta casta, a URSS é um império destinado a guiar o continente eurásico, nem somente dos Urais a Brest, mas também dos Urais à Mongólia, da Ásia Central ao Mediterrâneo”*.

Os planos estratégicos de Chtemenko incluíam uma penetração económico-cultural pacífica no Afeganistão (enunciada por si nos anos 1948-1952) e a entrada das tropas soviéticas nas capitais árabes - Beirute, Damasco, Cairo, Argel. Desde 1948, Chtemenko insistia no papel geopolítico particular do Afeganistão, que permitiria à URSS ter acesso ao oceano aumentando o poderio militar da frota soviética no Mar Negro e no Mediterrâneo.

É importante assinalar que o famoso almirante Gorchkov era um amigo íntimo do coronel-general Chtemenko.

Chtemenko e a subdivisão oculta, reactivada por ele no GRU, criou na época de Estaline uma poderosa e excelente rede de influência eurásica que, mau grado todas as tentativas de Beria para a erradicar, não foi destruída, mesmo depois da morte de Estaline - se bem que de

1953 até meados dos anos 1960 o *lobby* eurásico do Exército tenha sido constrangido a assumir uma posição defensiva.

Como mal necessário, os agentes do GRU tiveram que suportar durante 23 anos (1963-1986) como chefe do GRU o agente atlantista da Lubianka, o antigo “liquidador”, general Piotr Ivachutin, era um compromisso indispensável. O coronel-general Chtemenko, agente da Ordem Polar, da Ordem da Eurásia - eis a chave que nos ajudará a compreender a lógica secreta da história soviética desde Khrouchtchev até à *Perestroika*. Esta história - que não é diversa, contudo, de toda a história mundial - é o combate quer declarado quer obscuro das duas ordens secretas, os Menestréis de Morgana e os Menestréis de Múrcia, os devotos do deus egípcio Seth, do asno vermelho, e os devotos do Apolo nórdico e polar, matador da Piton.

Nikita Kroutchev, Agente do Atlantismo

Khrouchtchev foi o primeiro protegido do *lobby* atlantista a tornar-se o dirigente individual da URSS. A despeito dos seus desacordos com Beria, Khrouchtchev apoiou-se no KGB e a um dado momento fez a escolha final, oposta à escolha de Lenine e de Estaline. A actividade de Khrouchtchev visou destruir as estruturas internas dos eurásicos na URSS, e também a minar o projecto continental global de um bloco planetário supra-estatal.

O advento de Khrouchtchev foi a chegada ao poder do KGB.

Khrouchtchev, a partir do momento em que consolidou a sua posição, começou a vibrar golpe após golpe contra todos os escalões do *lobby* continental-patriótico. Toda a sua atenção foi desde logo concentrada nos países anglo-saxónicos, em particular nos Estados Unidos. O slogan de Khrouchtchev (*Alcançar e Ultrapassar o Ocidente*) significava o alinhamento com as potências atlânticas e o reconhecimento da sua superioridade social e económica.

As teses sobre o rápido progresso do comunismo destinavam-se a libertar novamente as tendências “*messiânicas de esquerda*”, “bolchevique - internacionalistas”, quase esquecidas durante os longos anos do estalinismo geopolítico imperial eurásico.

Khrouchtchev queria golpear todas as estruturas tradicionais do “solo” que tinham sido poupadas, graças à protecção secreta da Ordem Eurásica, mesmo durante os mais terríveis períodos do terror vermelho. Khrouchtchev queria livrar-se definitivamente da Igreja Ortodoxa Russa.

Khrouchtchev era “americanista” e atlantista em tudo: desde os famosos *cornflakes* até aos seus conceitos militares exclusivamente baseados no uso de mísseis intercontinentais em detrimento de todos os outros tipos de armas.

Khrouchtchev não se preocupava de todo com o continente eurásico. Preocupava-se com a América Latina, com Cuba, etc. Entre os atlantistas do gabinete de guerra de Khrouchtchev (cujo chefe era o marechal S. Biriuzov) e os eurásicos do grupo de Chtemenko, havia quase que um conflito aberto.

Khrouchtchev insistia no conceito de “*blitzkrieg intercontinental nuclear*” que do ponto de vista continental, mais não era do que sabotagem estratégica, enfraquecendo o poderio militar real das forças continentais, arruinando a economia e criando uma ameaça apocalíptica

planetária. Após a destituição de Khrouchtchev, no *Estrela Vermelha*, escrevia-se muito justamente: “*Essa estratégia, que finalmente recusámos, não podia ter nascido senão dum cérebro doente*”.

Chtemenko tinha já advertido no mesmo *Estrela Vermelha*: “*Não é de forma nenhuma possível basear a segurança da URSS somente nos mísseis balísticos intercontinentais*”. Com Khrouchtchev começou a separação definitiva das funções intra-estatais: os “*homens do partido*” e os representantes da Lubianka solidarizaram-se desde logo com os khrouchtchevistas no que dizia respeito à estratégia do “*blitzkrieg nuclear*” (o exército soviético tornou-se no primeiro refém dos “terroristas nucleares” do Partido Comunista da União Soviética, ou mais precisamente, da ala atlântica do PCUS), enquanto que os *lobbystas* eurásicos e do GRU insistiam no desenvolvimento dos armamentos convencionais tentando desforrar-se por intermédio dos estudos espaciais militares. Em 1958, Khrouchtchev demitiu das suas funções o marechal Joukov que era poderoso e extremamente popular, em 1959, desencadeou outra ofensiva: colocou na chefia do GRU uma das mais odiosas figuras da história soviética, o carniceiro sangrento, o tchekista Ivan Serov, conhecido pela alcunha de “Zhivoder” (O Degolador).

Esta personagem sanguinária - tipo ideal das características do asno vermelho no seu conjunto - era abominado pelo Estado Maior, é claro, pelos agentes do GRU e pelos patriotas da Eurásia em primeiro lugar. Um outro atlantista, o general Mironov, tornou-se o responsável dos denominados “órgãos executivos”, o que significava a vigilância dos escalões de base do exército e do serviço de informações.

Contudo, as manobras ofensivas khrouchtchevianas chocaram com a reacção oculta bem coordenada dos eurásicos: Koniev, Sokolovski, Timochenko e Gretchko tentaram vencer Khrouchtchev a todo o custo. Cada dia suplementar que este atlantista passava no poder causava danos ideológicos, estratégicos e políticos irreparáveis à URSS e, globalmente, aos interesses das potências continentais.

Vejamos um pormenor curioso: na época de Khrouchtchev, a denominação da linha “hegeliana-totalitária” na filosofia marxista “ritual” soviética (atribuindo o primado aos factores supra-individuais “objectivos” sobre os factores individuais e subjectivos) foi substituída pela dominação da linha “kantiana-subjectiva” (atribuindo o primado ao individualismo e ao “subjectivo” sobre o “objectivo”).

Foi precisamente nesta época que começou a rápida degradação da educação cívica, que apareceu a nova constelação dos académicos e dos cientistas khrouchtchevianos, representando uma massa de profanos não-qualificados e arrogantes (reteremos, por exemplo, como representativo dos khrouchtchevianos, A. N. Yakovlev, que reconheceu ter criticado Marcuse sem mesmo se ter dado ao trabalho de o ler; os cientistas estalinistas que prosseguiram, se bem que sob uma forma particular, as tradições académicas pré revolucionárias, distinguiram-se em geral pelo seu conhecimento dos autores que criticavam, sinceramente ou não).

Com Khrouchtchev começou a propagação gradual na sociedade de uma intelligentzia de tendência atlantista, sem raízes e cosmopolita, que o KGB nunca virá a incomodar, mesmo tratando-se dos seus ramos mais radicais e mais dissidentes. Os temas ocidentais, os temas americanos começaram a difundir-se na URSS, enquanto ideais “proibidos” mas “atraentes”, a partir do final dos anos 1950 e do princípio dos anos 1960.

O Longo Caminho até 1977

A destituição de Khrouchtchev foi indubitavelmente devida à Ordem da Eurásia.

É revelador que oito dias após este ter deixado o posto de secretário-geral, o avião no qual se encontravam os dois agentes chave do “lobby atlantista” - o marechal Biriuzov e o general Mironov - se tenha esmagado de encontro ao solo.

Após a eliminação de Khrouchtchev, os eurásicos começaram pouco a pouco a recuperar as suas posições. Leonid Brejnev era uma figura apoiada pelos eurásicos.

É significativo que o escritor Smirnov tenha escrito em 1965: “A 9 de Maio de 1965 no desfile da vitória em Moscovo, à cabeça das colunas dos veteranos, devia estar, celebrando o vigésimo aniversário da Vitória, o próprio marechal Joukov, com todas as suas condecorações”.

Depois de sete anos de desgraça khrouchtcheviana, Joukov era reabilitado. Era uma vitória do GRU.

Mas o triunfo da Ordem Eurásica na época de Brejnev estava longe de ser completo. Os atlantistas do KGB não iriam capitular. Os projectos continentais foram constantemente bloqueados. Em meados dos anos 1960 houve mesmo uma situação paradoxal, quando foi debatida a perspectiva de um bloco continental, deixando de lado a URSS.

Deste ponto de vista, é interessante relatar os factos concernentes às negociações entre Arthur Axmann - antigo chefe da Juventude Hitleriana e membro do lobby eurásico no interior das SS - e Chou En Lai a propósito da criação de um bloco unificado Pequim-Berlim-Paris, deixando de lado a URSS.

Laval, e mesmo o general de Gaulle tinham saudado sem reserva um tal projecto.

Um encontro posterior teve lugar em Bucareste. Em Madrid, Arthur Axmann contou a Jean Parvulesco o seguinte episódio respeitante ao seu voo para Pequim. No mesmo avião tomou lugar um grupo de militares soviéticos, que tentaram convencer Axmann da necessidade de incluir também a URSS nesse projecto eurásico - que era, não obstante, um velho sonho do próprio Axmann, que se opunha ao racismo anti-eslavo de Hitler desde a época da sua implicação no lobby eurásico das SS (o ambiente SS dos capitães Alexandre Dolleschalk, Richard Hildebrandt, Günther Kaufmann, etc., sem dúvida ligados a Walter Nikolai e Martin Bormann).

Os oficiais do GRU relataram também a Axmann as intrigas do lobby atlantista na URSS, que levantava obstáculos inultrapassáveis a todos os projectos geopolíticos de orientação continental - e por conseguinte a todas as potências continentais, sendo a mais importante de entre elas a URSS. Os atlantistas do KGB, utilizando a sua táctica tradicional, obrigaram o exército a aceitar Ivachutin (velho tchekista e figura extremamente impopular) à cabeça do GRU durante 23 anos.

Mas contudo, a partir de 1973, Brejnev começou a acercar cada vez mais os militares do governo do país. Em 1973, o marechal Gretchko tornou-se membro do Politburo. Para o substituir, Ustinov entrou também neste órgão, se bem que seja necessário realçar que os chefes do KGB - Andropov, e mais tarde o seu sucessor Chernikov - eram membros do Politburo desde 1967.

Mas o maior triunfo do exército e do GRU teve lugar em 1977, quando a nova Constituição brejneviana criou o Conselho de Segurança, que se tornou uma força legal e política autónoma formalmente independente. Foi uma vitória do exército sobre o KGB. Foi

uma vitória da Eurásia. O prudente e jamais apressado Brejnev tinha mantido a sua promessa - feita ao *lobby* eurásico - de mudar o equilíbrio de forças na estrutura interna do poder soviético. O exército tinha agora a sua própria agência ao mais alto nível.

A estratégia de Brejnev foi no seu conjunto de orientação continental, se bem que o espaço e as armas espaciais se tenham contudo tornado na base fundamental do interesse estratégico. De uma maneira paralela, para trabalhar em projectos de guerra espacial, a geopolítica da época de Brejnev elaborou modelos ideológicos e políticos tendo em conta a nova nomenclatura e a nova tipologia estratégia e militar da Era Espacial.

Neste contexto, é importante mencionar as ideias do escritor e ideólogo do movimento patriota A. Prokhanov.

Estreitamente ligado a certos grupos geopolíticos do Estado Maior desde a época do marechal Ogarkov. Prokhanov assevera que no final dos anos 1970 e na primeira metade dos anos 1980, a estratégia militar soviético-eurásica estava a elaborar seriamente o projecto de uma nova civilização do espaço continental, baseado numa combinação das tradições espirituais - do “solo” - e metafísicas da Eurásia, com técnicas ultramodernas, de estilo espacial, e com o sistema mundial das “novas comunicações”. Isto, segundo Prokhanov, devia tornar-se na resposta eurásica ao modelo americano da “*Guerra das Estrelas*”, que apresentou a futura era espacial como uma celebração da ideia anglo-saxónica não somente a nível planetário, mas também universal.

Ao universo americano, ao espaço americano, os ideólogos futuristas - do “solo” - do Estado Maior, segundo Prokhanov, estavam prontos a opor o universo russo, o universo eurásico, a imagem da grande Eurásia, projectando-se em direcção às regiões infindáveis das estrelas e dos planetas.

Os “vizinhos” da Lubianka tinham escolhido um espaço disposto segundo a imagem das civilizações mercantis-coloniais “insulares” do extremo-Occidente. O modelo americano convinha-lhes perfeitamente. Assim sendo, nas formas tecnológicas mais inovadoras, encontramos de novo os mais antigos temas, as vozes de uma história milenária, o chamamento dos nossos antepassados colocando sempre um problema essencialmente único: “*É necessário destruir Cartago?*” - qualquer que seja a forma sob a qual este problema se apresente.

A Geopolítica do Marechal Ogarkov

Um dos herdeiros imediatos da missão geopolítica de Chtemenko foi o marechal N. V. Ogarkov, eminente geopolítico, estratega e eurásico. Dirigiu a actividade da Ordem Polar no interior do exército até meados dos anos 1980. Dos três chefes brejnevianos do Estado Maior - Zakharov, Kulikov, Ogarkov (todos os três eurásicos convictos) - o mais brilhante era Ogarkov, um engenhoso conhecedor da dissimulação, que enganou estrategicamente, numerosas vezes, os atlantistas externos e internos. Ogarkov foi o organizador da operação de Praga em 1968, a qual decorreu tranquilamente porque este conseguiu mistificar completamente os serviços de informações da OTAN servindo-lhes uma desinformação excelentemente destilada.

É curioso assinalar que os acontecimentos da “*Primavera de Praga*” que terminaram em “triste Outono” para os golpistas democratas, foram de uma certa maneira um duelo estratégico entre duas personagens versadas nos mais profundos segredos do conflito planetário. Hoje em dia sabe-se bem que o autor e director oculto da “*Primavera de Praga*” foi David Goldstucker. Nesta operação confrontou-se com o eurásico Ogarkov, é necessário realçar que a vitória de Ogarkov não foi simplesmente a vitória da força brutal dos tanques soviéticos, mas uma vitória do pensamento, da astúcia e de uma magnífica mestria da arte da desinformação, da “camuflagem”, pelas quais o comando da OTAN foi levado a cometer os piores erros não tendo tempo de colocar em marcha essa reacção com que, bem entendido, o Dr. Goldstucker e as suas criaturas (Dubcek, Havel, etc.) contavam desde o início.

Ogarkov esteve na origem da criação das *Spetznaz* (forças especiais), destinadas a realizar operações locais e repentinas atrás das linhas adversárias, absolutamente necessárias para o sucesso de operações militares locais, continentais. Geopoliticamente, o marechal Ogarkov defendeu sempre abertamente (contrariamente ao eurásico camuflado e prudente, Gretchko) o “projecto eurásico” aspirando a transformar as forças armadas da URSS de maneira a que estas pudessem dar o seu melhor numa longa guerra local, principalmente com armas convencionais. Depois de Khrouchtchev, a questão das armas nucleares intercontinentais adquiriu um significado simbólico - conforme a doutrina militar colocava a ênfase na “guerra mundial” ou na “guerra local” nos círculos do exército definidos como “os nossos” e “os deles”, ou seja os representantes dos *lobbies* atlantista ou eurásico: a “guerra local” com a utilização de armamentos convencionais e sem a utilização de armas nucleares era o slogan dos eurásicos, e a “*guerra nuclear total*” era o slogan dos atlantistas, impondo uma pressão ideológica permanente sobre o exército. Em redor de Ogarkov estava agrupada a elite militar de orientação eurásica. Os seus camaradas mais próximos eram em primeiro lugar os marechais Akromeiev e Yazov. Ambos, em particular Akromeiev, eram secretamente devotados à Ordem Polar, outrora fundada no exército soviético por Mikhaïl Toukhatchevski, paralelamente à organização similar de Aralov, criada por ele imediatamente após o surgimento do GRU.

A Catástrofe do Afeganistão

A vasta concentração de poder em mãos dos militares eurásicos após 1977 ameaçava o clã dos atlantistas. Para o KGB e para os outros servidores da “*Dança da Morte*” no interior do governo soviético era necessário tomar contramedidas urgentes. Informações precisas permitem-nos pensar que a guerra do Afeganistão foi inspirada pelo KGB para desacreditar o exército no decurso de um conflito longo e insensato e provocando a ingerência atlantista na situação política interna, por parte dos Estados Unidos. O conflito do Afeganistão é considerado como uma operação do KGB contra o exército soviético e mais geralmente contra todo o *lobby* eurásico, por especialistas em soviétologia oculta como Pierre de Villemarest e Jean Parvulesco. Conhecendo os projectos geopolíticos do general Chtemenko e em particular o valor geopolítico e estratégico do Afeganistão, o pessoal da Lubianka decidiu provocar uma intervenção armada e forçada na situação interna afegã (é necessário também realçar que o próprio Chtemenko excluía uma tal ingerência, insistindo na integração pacífica e na infiltração económico-estratégica gradual do Afeganistão, em completa correspondência

com a lógica normal de toda a expansão económico-cultural orgânica e natural no eixo Norte-Sul). Não se tratou somente do desencadear de uma guerra insensata, mas também da sua condução irresoluta, incerta, tacanha, consequência da ingerência do KGB nos assuntos do exército - dado que os atlantistas tinham necessidade que a URSS perdesse esta guerra, uma guerra que podia levar à destruição definitiva do bloco eurásico. Por consequência no Afeganistão as forças especiais do KGB organizaram acções de terrorismo contra a população afegã pacífica - o que era um perfeito absurdo, se as tropas soviéticas realmente quisessem integrar o Afeganistão e fazer dele um vassalo geopolítico. Do topo, através do partido e do *Politburo*, os atlantistas tentavam também travar as operações militares mais razoáveis, parando-as por vezes quando estas começavam a ser coroadas de sucesso. Pierre de Villemarest afirma que esta guerra foi perdida somente porque a mais alta hierarquia do governo soviético queria que ela o fosse. De qualquer forma, esta guerra foi fatal para o exército, o GRU e a Ordem Eurásica.

A “Direita” no KGB e o Paradoxo Andropov

Na época pós brejneviana começou a aparecer um ponto muito importante, característico de toda a história do combate invisível entre as duas ordens. Tal significa que o *lobby* atlantista na Eurásia, como já o realçamos frequentemente, não se apoia somente na “esquerda” (se bem que, decerto, esta seja a preferida por causa de uma certa afinidade tipológica do seu próprio conceito com o complot atlantista), mas também na “direita”. Por esta razão o NKVD-KGB do pós guerra, que continuava a ser essencialmente atlantista, adoptou determinadas características ideológicas conservadoras, de “direita”, do exército. Descendente geneticamente das equipas do anti-Solo, dos gangs vermelhos anti-russos e anti-Estado dos anos 1920, o KGB sofreu ao mesmo tempo uma significativa influência dos eurásicos de “direita” do GRU e do Estado Maior na época em que o imperialismo de Estaline dominava. Uma tal duplicidade do KGB levou logicamente a um certo compromisso nas suas estruturas, o qual pode explicar toda a “singularidade” política e conspirológica ligada a esta organização. Se a substância e o centro principal do KGB permaneciam puramente atlantistas, integrados na rede planetária unificada da espionagem atlantista, na periferia entre os simples agentes e mesmo entre os oficiais, desenvolveu-se uma atmosfera “nacionalista” no seu conjunto. Contudo este “*nacionalismo da Lubianka*” (por vezes associado a uma forte judeofobia) correspondeu sempre ao princípio do “*sangue acima do solo*” - ou seja este não teve nunca realmente um carácter eurásico, continental, imperial. Uma tal situação convinha muito às figuras da Ordem Atlantista, uma vez que o “nacionalismo ingénuo” dos agentes de base servia de máscara perfeita para a rede dos agentes anti-Solo, “messiânicos” e mundialistas. No seu conjunto, o KGB do pós guerra foi tipologicamente similar aos grupos pan-eslavistas no interior do governo imperial na véspera da Primeira Guerra Mundial, e às organizações racistas e xenófobas no *Reich* hitleriano, servindo de camuflagem aos agentes atlantistas. Nesta perspectiva, torna-se necessário examinar a chegada ao poder de Youri Andropov, antigo chefe do KGB, depois da morte de Brejnev. As razões mencionadas acima concernentes à duplicidade do KGB ajudarão a compreender a dualidade do papel de

Andropov, e também a imagem dualista desta personagem, que pode ser simultaneamente considerado como o pior inimigo da *Perestroika* e da democratização, “concretizadas” por Gorbatchev, e como um conservador em extremo que tentava restaurar a época totalitária de Lavrenti Beria. É curioso que entre o comum dos cidadãos russos se encontrem frequentemente duas opiniões opostas: “Andropov judeu-sionista” e “Andropov patriota anti-semita” (estas duas definições devem, é claro, ser compreendidas “metaforicamente”). Na realidade, o enigma de Andropov é simples: era um representante do KGB, ou seja um atlantista completo e convicto, leal à sua Ordem da “*Dança da Morte*”. Era simultaneamente “judeu-sionista” e “patriota anti-semita”, uma vez que esta parelha só parece ser contraditória nos modelos conspirológicos extremamente simplificados, enquanto que na realidade a imagem conspirológica é muito mais complexa, não sendo os seus factores chave nem critérios nacionais nem critérios políticos, mas somente orientações geopolíticas fundamentais a mais das vezes mantidas prudentemente secretas para os não-iniciados. O advento de Andropov foi o segundo terrível golpe infligido ao exército após o princípio da guerra do Afeganistão. A partir daí a autoridade do Estado estava nas mãos de um membro da organização que durante toda a sua existência teve apenas um só objectivo: erradicar a Ordem Eurásica no interior da URSS, destruir as estruturas secretas criadas por Aralov, Toukhatchevski, Chtemenko, Ogarkov, Akromeiev e outros eurásicos, destruir a Eurásia a partir do seu interior, fazer de uma vez por todas da ideia de um novo bloco continental uma utopia irrealizável, uma ficção, obtendo uma vitória definitiva para a “Nova Cartago”, para os Estados Unidos, estabelecendo com a ajuda da CIA a Nova Ordem Mundial no planeta, a Nova Construção Comercial. O advento de Andropov, a chegada da “*direita do KGB*”, não significou nada menos do que o começo da *Perestroika*.

O Agente Duplo Mikhaïl Gorbatchev

A fase preliminar da *Perestroika* - preparar os novos quadros, distribuir os papéis, introduzir as pessoas necessárias no governo, estabelecer o cenário geral dos acontecimentos - tudo isto foi levado a cabo por Youri Andropov com a ajuda de outros atlantistas dos serviços especiais e dos especialistas da Ordem da “*Dança da Morte*”. Mas Andropov sabia bem que numa qualquer dada fase da *Perestroika*, os eurásicos poderiam tentar desferrar-se, expulsando os atlantistas do KGB e do *Politburo*, levando o país a conduzir-se segundo uma política eurásica. Por consequência a escolha da figura principal da nova política incidiu no mais evasivo e mais irresoluto dos líderes supremos da época, que era tão prudente, tão flexível e tão fugidio, que nenhum dos dois campos sabia para que Ordem trabalhava realmente. Por outro lado, de acordo com as mais antigas tradições da Ordem Atlântica, à qual Andropov pertencia, era costume dar uma atenção particular a pessoas cuja aparência física apresentasse um qualquer defeito visível. Era segundo este princípio que se seleccionavam os grandes sacerdotes do culto do deus egípcio com cabeça de asno, Seth. Gorbatchev, com a sua marca na fronte (na qual, diga-se de passagem, um tradicionalista muçulmano lera as três letras árabes *kaf*, *fa*, *ra* - o que resulta em *kafir*, ou seja “hipócrita”), era a figura mais elegível. Apadrinhando Gorbatchev, Andropov calculava que a sua candidatura satisfaria os

dois grupos geopolíticos, uma vez que a reflexão respeitante à solução das tensões internas na URSS há já longo tempo que tinha amadurecido, sendo que a mudança política devia ser logicamente apoiada alternadamente por atlantistas e por eurásicos. O interesse dos atlantistas pela mudança era evidente, mas também os eurásicos - após o início da guerra do Afeganistão e da chegada de Andropov ao poder - não tinham, também eles, qualquer interesse em preservar o status quo, tendo pois facilmente aceite a mudança. Gorbachev era aceitável e útil para toda a gente. Os guardiães de Gorbachev, designados pelas duas ordens em conflito, foram A. I. Lukianov e A. N. Yakovlev. Estas duas personagens eram participantes de primeiro plano na conspiração continental ramificada, a qual abrange contudo duas partes em conflito.

O Verdadeiro Rosto de Anatoly Lukianov

Em 1987, Anatoly Ivanovitch Lukianov tornou-se chefe dos denominados “órgãos administrativos”. Daí em diante, toda a designação ou promoção nos escalões militares mais elevados dependia da sua decisão. Lukianov, embora demonstrando sempre a sua lealdade para com Gorbachev, tentou, não obstante, interpretar constantemente segundo uma orientação eurásica as instruções ambíguas e nebulosas do novo dirigente do Kremlin. O desejo de Gorbachev de terminar o conflito do Afeganistão estava nas mãos do exército, e há certas razões que nos levam a pensar que Lukianov tenha estado implicado nesta acção geopolítica. Tão flexível e prudente como Gorbachev, Lukianov, contrariamente a este, tinha uma atitude geopolítica estrita e clara. O seu objectivo, tal como o da Ordem Polar, era a grande Eurásia da Mongólia ao Mediterrâneo, a *Pax Eurásica*, a Grande União Continental. Devido às obrigações do seu cargo, Lukianov foi obrigado a controlar o GRU e a vigiar o Estado Maior, mas na realidade este homem preciso e calmo não foi o agente dos “bolcheviques messiânicos” no interior da organização militar eurásica, mas o mensageiro do GRU, vigiando os bolcheviques atlantistas por conta do exército. Coberto pela sua ostensiva posição de “centro-esquerda”, Lukianov levava a cabo uma missão especial no soviete supremo, cujo propósito consistia em formar um bloco parlamentar orientado segundo os interesses da missão eurásica secreta.

O Sr. Perestroika

Aleksandr Nikolaievitch Yakovlev era já desde o princípio dos anos 1970 um dos principais ideólogos do atlantismo declarado na URSS. É preciso reconhecer que este começou a atacar abertamente os patriotas eurásicos a partir de 1974, quando as posições do GRU eram muito fortes, sendo que Gretchko era já membro do *Politburo*. Invocando abertamente o pogrom ideológico da literatura nacional-bolchevique, que nesses anos servia de tribuna para a troca codificada de informações, de ideias, de conceitos e de projectos para todo o *lobby* eurásico patriótico, Yakovlev aceitava correr um risco real. A despeito da intervenção de Andropov e das mais altas esferas do KGB após a publicação do seu famoso artigo *Contra o Anti-Historicismo, Manifesto do Atlantismo Russófilo e Antipatriótico*, teve

contudo de ser enviado para fora da Rússia. Na verdade o KGB tinha decidido “*transformar o veneno em remédio*” utilizando o envio de Yakovlev para o Canadá para activar uma rede atlantista de espionagem. Segundo as informações reunidas por Jean Parvulesco no seu relatório *A Galáxia do GRU*, em Ottawa, para onde Yakovlev foi de seguida enviado, este entrou em contacto com David Goldstucker que representava nessa época os interesses internacionais de Israel nos Estados Unidos, a coberto da sua implicação numa negociação confidencial com uma firma de Chicago ligada à indústria nuclear. O Dr. David Goldstucker, que, como o sabemos, era uma figura eminente não somente dos serviços especiais israelitas mas também dos serviços especiais dos países anglo-saxónicos (no seu conjunto tal faz lembrar uma situação igualmente característica do KGB soviético), elaborou com Yakovlev a estratégia atlantista da futura *Perestroika*. Este facto é tão bem conhecido no Ocidente, que Yakovlev aí é conhecido a justo título sob o nome de “Sr. *Perestroika*”. Deste modo, já pela segunda vez na história, praticamente as mesmas figuras preparavam-se para um duelo geopolítico desesperado, complexo, perigoso e cativante. Outrora, durante a “*Primavera de Praga*”, Goldstucker, agente da “*Dança da Morte*”, tinha sofrido uma esmagadora derrota infligida pelo GRU - pelos coligados, hábeis, brilhantes e corajosos servidores da Ordem Eurásica, o general Chtemenko e o marechal Ogarkov. Dez anos mais tarde, o mesmo Goldstucker preparava a sua desforra. Desta vez o GRU e o Estado Maior soviético seriam atacados no seu próprio território, em vez de na Checoslováquia “neutral”. E desta vez Goldstucker não contava com a lenta OTAN com o seu enorme, terrível, mas em certas situações inútil, arsenal nuclear. Agora a arma destrutiva maior do agente do atlantismo planetário - Goldstucker - seria o “cheio de soberba” “Sr. *Perestroika*”, a arma táctica novinha em folha da Ordem do Asno Vermelho, esperança da ordem de batalha atlântica, capitão dos *Spetznaz* anglo-saxónicos ocultos, de regresso de Ottawa, enviado para trás das linhas da oposição eurásica.

Perante uma Falsa Alternativa

A verdadeira lógica da *Perestroika*, ou seja a lógica da manobra cíclica do super-irresoluto Gorbachev entre dois pólos - o que faz de sobremaneira lembrar o decurso das psicoses maníaco-depressivas - permaneceu na prática completamente incompreensível até ao golpe de Agosto, pela razão de que muito pouca gente podia adivinhar o verdadeiro papel de Anatoly Lukianov. Uma tal conspiração conduziu finalmente à catástrofe do *lobby* eurásico. Os autores atlânticos do projecto anti-imperial da *Perestroika* recorreram neste caso a um método tradicional - a criação de uma pseudo oposição, ou seja a substituição do verdadeiro pólo “conservador” por um falso. Como os verdadeiros inimigos dos atlantistas não eram simplesmente os nacionalistas, mas os “*nacionalistas de tipo imperial, continental*”, os “continentalistas”, é natural que a pseudo oposição ao atlantismo declarado do “Sr. *Perestroika*” devesse ser tudo menos eurásica. Seguindo esta lógica, o pessoal da Ordem Atlântica, com a implicação activa do KGB, criaram pólos paralelos (e por consequência falsos) que eram:

Os comunistas-conservadores. Os seus símbolos eram Igor Ligatchev e seguidamente

Ivan Polozkov (ambos desapareceram num dado momento como fumaça, e tal não é surpreendente, uma vez que a sua oposição não se baseava globalmente em princípios, e para mais era uma construção velha de um século e bem conhecida).

Os patriotas-nacionalistas. Este movimento foi criado com a implicação activa do KGB, que projectou de modo chauvinista uma posição judeofóbica em grupos marginais de patriotas sinceros mas de vistas curtas, criando assim um algoritmo especial de “movimento patriótico”, incapaz de causar um dano sério ao *lobby* atlantista cada vez mais legalizado.

Os nacional-bolcheviques. Esta corrente era mais interessante e estava próxima das concepções do *lobby* eurásico, mas graças aos esforços do KGB, perdeu o sentido das proporções e a concepção nacional-bolchevique tomou um carácter repugnante, grotesco e extremista - e num sentido de uma acentuação excessiva do “leninismo” de uma judeofobia excessiva.

Finalmente, a maior artimanha do KGB atlantista foi a de promover o próprio KGB num papel de oposição aos “democratas”, e esta acção também deu resultado, uma vez que para os empregados oficiais da Lubianka, os “patriotas” eram dignos de uma certa confiança, depositando mesmo alguma esperança neles.

Nesta época destacamentos do KGB conceberam as revoluções atlantistas na Hungria, na Checoslováquia, na Jugoslávia, puseram em cena o espectáculo da repressão na Roménia, fizeram cair o muro de Berlim, traíram Honecker, expulsaram Jivkov, ajudaram os separatistas das repúblicas bálticas e do Cáucaso e como ponto culminante do seu triunfo atlantista prepararam o golpe teatral de Agosto de 1991.

Deste modo “*o homem mais enigmático*” com a sua característica marca na frente estava encurralado entre o “Sr. *Perestroika*” e Anatoly Lukianov, mas exteriormente parecia que o segundo pólo não era de todo Lukianov, mas outrem, mais odioso, mais escandaloso, mais teatral, de facto ou uma figura completamente insignificante, ou um verdadeiro homem de palha. O GRU e o exército olhavam com esperança e impaciência para Anatoly Lukianov. Sim, os eurásicos podiam prestar homenagem a certas mudanças - fim de uma guerra insensata, redução de armas intercontinentais, avanços na política externa em relação à Alemanha, ao Japão e à China. Mesmo a dedicação ao tema da “*Casa Comum Europeia*” podia ser facilmente interpretada nesse sentido pela Ordem Polar, uma vez que esta doutrina fora retirada do arsenal geopolítico da oposição eurásica no interior das SS, à qual pertenciam Axmann, Hildebrandt, Dolleschalk, Kaufmann, etc. (Tipologicamente ligada à Ordem da Eurásia no GRU). Mas a ruína da união, os ataques contra o exército, as tentativas para implicar o exército em conflitos nacionalistas e micro-territoriais, a política suicidária nas repúblicas bálticas, destruindo os últimos vestígios, tão preciosos para os eurásicos, do Pacto Molotov-Ribbentrop, a promoção incontrolada da máfia e de criminosos confessos na arena política, e muitas outras coisas, conduziram o GRU a um beco sem saída. Mas Anatoly Lukianov permanecia na sombra. Prudentemente, logicamente e passo a passo, preparou uma réplica, decisiva e final. Até ao último momento parecia que tudo podia ser salvo num instante, e de seguida o *lobby* eurásico utilizaria todos os aspectos geopolíticos positivos da *Perestroika*, neutralizados o “Sr. *Perestroika*” e os seus cúmplices, que desde logo seriam todos “postos atrás das grades”, começaria a grande Era, desembaraçada dos comunistas, dos atlantistas e dos servidores da “*Dança da Morte*” - a Era da Eurásia, da Eurásia Cósmica, a Era do Continente Solar Sagrado, a Era do Oriente. Mas então sobreveio Agosto de 1991.

O Golpe, Ponto Culminante da Guerra Oculta

O deputado Obolensky, membro da comissão de inquérito sobre o caso do GKChP (Comité Estatal para o Estado de Urgência no PCUS), pouco tempo depois do golpe fez uma estranha declaração aos meios de comunicação social: “*A verdade respeitante aos acontecimentos de Agosto de 1991, provavelmente, só será descoberta pelos nossos descendentes, daqui a uma centena de anos*”. Que terrível segredo descobriu Obolensky, ao investigar sobre a história do golpe. Do ponto de vista da conspiração geopolítica, só pode existir uma explicação: tinha-se apercebido de factos ligados à guerra oculta das duas ordens nos bastidores do poder, o misterioso enfrentamento entre a Ordem Eurásica e a Ordem Atlântica. Somente neste caso é que a declaração do deputado Obolensky faz sentido, e que a confiança quanto à conservação do segredo se torna clara. O golpe de Agosto foi (ou devia ter sido, no espírito dos seus autores) o ponto culminante do enfrentamento geopolítico, o momento decisivo da guerra invisível. A Ordem Atlântica não ignorava que os eurásicos tinham em preparação para o Inverno 1991-92 uma operação precisa, que levaria à introdução de um regime militar em todo o território da URSS sob o pretexto de estabilizar a situação social, política e económica. Compreendiam também perfeitamente que a orientação ideológica da direcção militar eurásica seria não-comunista e de orientação patriótica, mas sem o “anti-semitismo”, a xenofobia e o “pan-eslavismo” tradicionais do KGB. Por outras palavras, a direcção militar prometia ser estável, liberal no domínio económico, geopoliticamente correcta, isenta dos métodos terroristas peculiares das formas bolcheviques de ditadura. Para mais, o Regime Militar Eurásico, o Regime Romano-Imperial, tinha todas as hipóteses de se tornar popular ao mais alto grau, uma vez que se absteria do “dogmatismo comunista” e do “utopismo marxista” por um lado, sendo que por outro seria muito bem recebido pela tendência natural de todas as verdadeiras etnias eurásicas, para a hierarquia, a disciplina, a centralização e o comunitarismo, a socialização e a “integralidade” (de acordo com Khomiakov). O patriotismo do regime militar teria sido imperial, em vez de ser “russo” e “nacionalista” no sentido estreito do conceito. Tudo isto tornava esta perspectiva não somente inaceitável, mas fatal e mortal para o lobby atlantista no interior da URSS, e também para o mundialismo atlantista à escala mundial. A despeito dos imensos danos causados ao país pelos agentes da Ordem da “*Dança da Morte*”, pelo “Sr. *Perestroika*” em conjunto com o seu camarada do KGB, Chevardnadze (detestado, diga-se de passagem, pelos seus próprios compatriotas georgianos), a Ordem Eurásica sabia como utilizar esta situação negativa em benefício da sua própria posição, dado que nos departamentos secretos do GRU trabalhavam dignos adeptos dos grandes estrategas russos - Chtemenko e Ogarkov. O duelo geopolítico com Goldstucker podia terminar com a derrota deste hábil e activo representante da Ordem Atlântica. Problema maior dos atlantistas era impedir a formação de uma situação de guerra no interior da URSS, à qual, aparentemente, a lógica dos acontecimentos conduzia. Foi precisamente com este objectivo que o golpe de Agosto foi organizado.

Os Erros de Cálculo do Marechal Yazov

O principal erro dos eurásicos em Agosto de 1991, e particularmente o erro pessoal do marechal Yazov, foi o de confiar no chefe do KGB, Kryutchkov. Era uma armadilha estratégica. Há já muitos anos, que o KGB tinha tentado criar para os seus agentes uma

imagem de “patriotas-nacionalistas”, utilizando a massa periférica dos funcionários “não-iniciados” sinceramente crentes na conspiração “judaico-maçónica” e que se consideravam como sendo nacionalistas ou nacional-bolcheviques. Por outro lado, eram efectuadas manobras fraudulentas também no topo do poder - Tchebrikov e Kryutchkov visavam ambos solidarizar-se com os militares eurásicos, contra os “democratas cosmopolitas” (de facto, todo o movimento democrático era, é claro, organizado precisamente pelo KGB, e ainda por cima este era ainda mais artificial e “fabricado” do que o movimento patriótico, uma vez que para os russos e para as outras etnias de origem eurásica, é muito mais natural apoiar a “direita” do que apoiar a “esquerda” - trata-se de uma constante histórica). Para dissimular este jogo duplo, os atlantistas do KGB criaram o mito respeitante à “*ala judaico-maçónica*” do KGB (foi a este objectivo que foi destinado, em particular, o seu ramo moscovita, por contrapeso ao da união, e mais tarde ao KGB da República Socialista Federativa Soviética da Rússia de Eltsin, etc.). Na verdade, o KGB ocupava-se com actividades radicalmente anti-eurásicas, destruindo as estruturas da rede eurásica nos países da Europa de Leste, derrubando os regimes anti-atlantistas do “solo” (como o regime de Ceausescu que, a este respeito, foi sempre favorável a um bloco continental eurásico e que detestava a “traição” atlantista do governo da URSS - ver Claude Karnoouh (“*Again on the East*”, na revista *Krisis*, nº 5, Abril de 1990, França). De qualquer maneira, o caso do GKChP prova claramente que certas acções muito obscuras de Kryutchkov conseguiram convencer alguns eurásicos - o marechal Yazov e Oleg Balkanov - a criarem apressadamente uma situação de guerra, aceitando a ajuda do KGB, na condição de que este último se afastasse do seu atlantismo alinhando-se, por fim, com o exército e se aprestasse a agir contra os “democratas”. Provavelmente, Kryutchkov tinha igualmente posto certas condições em nome da sua organização, uma vez que a haver um regime eurásico militar rigoroso, as estruturas do KGB seriam certamente erradicadas - pelo menos no que dizia respeito às suas antigas configurações de terroristas do partido, mundialistas e atlantistas. Que argumentos teriam apresentado os agentes da Ordem Eurásica ao marechal Yazov, ainda não sabemos. Apenas é evidente que a assinatura dos acordos de Novo Ogarev nada tinha a ver com isto. Tudo podia mudar mais uma vez, anulando todos os papéis que tinham sido publicados pela pluma de pessoas desenvoltas, que não compreendiam suficientemente bem a situação geopolítica, guiadas pelo elusivo (Gorby) - designado para este posto não para tomar decisões, mas para “mascarar” e por virtude de uma marca de eleição distintamente oculta. O que é que Kryutchkov poderá em definitivo ter dito ao marechal Yazov para que este último - profundamente devotado à estratégia da Ordem Eurásica - pusesse em perigo o destino de uma oposição oculta multimilenar, o destino do continente, o destino do Espaço Eurásico, um destino inevitável, aparentemente, tão próximo da vitória? Porque é que Yazov escolheu o chefe da organização mais anti-eurásica? Para agora, devemos limitar-nos ao campo das hipóteses. É perfeitamente claro que o erro do marechal Yazov esconde algum terrível segredo, implicando talvez mesmo uma influência paranormal, “mágica”, ou telepática, ou os efeitos de qualquer droga psicadélica especial. E isto não é tão inconcebível, se nos lembrarmos dos testemunhos de certos membros do GKChP respeitantes à sua completa amnésia durante esses três dias fatais. Somente perfeitos idiotas poderiam acreditar que pessoas, chegadas ao mais alto nível da sua carreira política, militar, de informações e conspirológica, se pudessem comportar numa situação tão decisiva como irresponsáveis mendigos embriagados, ou seja embebedando-se sem descanso e indo

mostrar-se na cidade cheia de tanques e de propagandistas “democratas”. Mas a versão do envenenamento de Kryutchkov pelos oito membros restantes também nos parece dificilmente credível, uma vez que o pessoal do KGB ainda protegia mais zelosamente os seus chefes do que ao próprio Gorbatchev. No caso dos “*erros do marechal Yazov*” interveio provavelmente uma combinação de numerosos factores ideológicos ocultos e parapsicológicos, operando de maneira sincrónica. Mas que “arma” teria sido utilizada desta vez pela Ordem Atlântica? Falaremos dela muito em breve.

O “Sr. Perestroika” Parte ao Ataque

Imediatamente após a prisão dos membros do GKChP, como sempre acontece no pico dos esforços conspirológicos ideológicos, os aspectos precisos da conspiração, que até aí permaneciam na sombra, surgiram abertamente. O momento mais revelador foi a chegada às claras do “Sr. *Perestroika*” (N. P. Yakovlev) ao parlamento russo. Naturalmente, a sua missão não consistia em advertir os “ingénuos” deputados acerca dos “*bandidos que podiam estar ainda no círculo de Gorbatchev*”. Este discurso foi pronunciado pelo “Sr. *Perestroika*” a título de manobra de diversão. Yakovlev tinha vindo ao parlamento russo com a ordem de prender Lukianov. O parlamento russo, composto por gente completamente incompetente e desenvolta, sem nenhuma orientação geopolítica precisa e agindo segundo emoções temporárias, fortuitas e anárquicas no seu *lobbying* cobarde, após o choque da farsa de Moscovo, podia estragar o arranjinho. Eltsin, fosse porque não recebeu a tempo a informação, fosse porque simplesmente se tenha esquecido da coisa mais importante (a condição mental do presidente russo leva-nos a pensar que também ele estava sob uma qualquer influência parapsicológica, como foi notado não somente pelos conspirólogos europeus, mas também por numerosos jornalistas ocidentais - que primeiramente explicaram a completa incompetência de Eltsin pela sua pertença à “extrema-direita”, mas que foram mais tarde obrigados a recorrer à versão das “influências ocultas” ou “psicotrópicas”), tendo-se esquecido da tarefa principal. Yakovlev vinha à Casa Branca (o parlamento russo, que nesse momento se parecia mais com uma “casa de cobardes”) para exigir a prisão de Lukianov. Eltsin repetia complacentemente ao “Sr. *Perestroika*” a famosa frase: “*Por detrás da conspiração dos oito estava Lukianov, é o principal ideólogo da conspiração*”.

Lukianov e a Visita Ritual à Campa do Marechal Akromeiev

Lukianov - eis a explicação secreta do golpe de Agosto. Era necessário afastar Lukianov a todo o custo. Era precisamente nas suas mãos que os cordéis da estrutura oculta eurásica estavam concentrados. A partir de 1987, Anatoly Lukianov era precisamente o protector da Ordem Polar, a Ordem Eurásica, esperança da Roma Imperial Eterna. O golpe visava-o precisamente. Mas o próprio Lukianov, o único entre os eurásicos a estar ligado de uma maneira ou doutra ao caso do GKChP - não tinha cedido à proposta de Kryutchkov e não estava de um ponto de vista legal de modo algum implicado no golpe. Tentar implicá-lo

também a ele era impossível. Foi um erro de cálculo imprevisto e incomodativo para os atlantistas. Por consequência Yakovlev, ultrapassando todas as normas legais, apressava-se “*de uma maneira revolucionária*” a fazer acusar Lukianov por intermédio da boca tartamudeante de Eltsin de ser o ideólogo da conspiração (pela razão de que Lukianov era realmente o ideólogo, mas da outra conspiração, a conspiração “polar”, a conspiração dos salvadores da Grande Potência Continental, a conspiração da Eurásia contra as Ilhas Ocidentais). Mas a despeito da prisão de Lukianov, não era contudo possível apresentá-lo como o chefe da conspiração, erradicando nessa base toda a rede dos agentes eurásicos, todas as estruturas secretas do GRU. Os vencedores atlantistas puderam apenas eliminar a camada superior dos conservadores do partido e dos militares, que mesmo assim não representavam um perigo particular. Exceptuando o assassinato de Pugo, o mais importante golpe infligido ao *lobby* da Eurásia foi a enigmática morte do marechal Akromeiev e os estranhos acontecimentos posteriores que tiveram lugar na sua ainda fresca campa. Aqui, é necessário fazer uma curta digressão pela história da Ordem Atlântica, e em particular pela história da ordem medieval dos Menestréis de Morgana, cujo emblema era a “*Dança da Morte*”, a Dança Macabra. Segundo Grasset d’Orset, que estudara esta ordem, os seus adeptos utilizavam como senha hieroglífica o símbolo do “morto ressuscitado” ou do “*morto saindo da sua campa*”. Em certos ramos precisos desta ordem, que pouco se ocupavam de política e de geopolítica ocultas mas sim bem mais de “magia” e de “necromancia”, havia uma exumação ritual dos cadáveres com objectivo simbólico e oculto. Toda a história da morte e da exumação posterior do corpo de Akromeiev indica a implicação da Ordem Atlântica nesse assassinato, talvez mesmo das suas ramificações mais obscuras e mais mágicas. De qualquer maneira, os conspiralogistas ocidentais associam todos os detalhes da profanação do corpo do marechal à “exumação ritual” praticada no Ocidente até aos nossos dias por membros de seitas muito obscuras. Provavelmente, os agentes atlantistas esperavam assim descobrir certos documentos secretos enterrados com Akromeiev, ou certas marcas particulares no seu corpo. Tudo isto se torna mais do que credível, se tomarmos em conta o papel maior de Akromeiev na Ordem Polar do exército e as suas estreitas ligações com Ogarkov, um dos principais personagens da Ordem Eurásica. De qualquer forma, após o golpe, os atlantistas levaram a cabo algumas acções resolutas para decapitar os eurásicos. Mas passado um mês tornou-se claro que o seu ataque se tinha atascado, e por detrás das suas tentativas históricas para completar o mais rapidamente possível a ruína do Estado, o terror e o pânico eram também eles visíveis. A Ordem da Eurásia não fora definitivamente erradicada e agora chegava a sua vez de ripostar. Certos sinais precisos permitem-nos pensar que esse golpe deveria ser o último.

Metafísica da Guerra Oculta

O enfrentamento entre a Ordem Atlântica e a Ordem Eurásica através dos séculos e dos milénios, exprimindo-se sob as formas mais diversas, é num dado sentido o maior conteúdo conspirológico da história, a história dos grandes movimentos planetários, a história dos povos e das religiões, das raças e das tradições, do espírito e da carne, da guerra e da paz. Na confrontação entre estas duas ordens, não deve ver-se a imagem moralista simplificada do

combate entre o Bem e o Mal, a Verdade e a Mentira, os Anjos e os Demónios, e assim consecutivamente. Trata-se de um combate de dois tipos opostos de visões do mundo, duas imagens metafísicas da Vida, duas vias em direcção ao Cosmos e através do Cosmos, dois grandes Princípios, não se opondo somente um ao outro, mas sendo também indispensáveis um ao outro - uma vez que sobre esta parêntese se baseia todo o processo cosmogónico e cosmológico, todo o decurso cíclico da história humana. A Ordem da Eurásia, a Ordem do Princípio Masculino, do Sol, da Hierarquia, é a projecção da Montanha, de Apolo, de Ormuzd, do Cristo Glorioso solar, do Cristo *pantocrator*. A Eurásia enquanto que Terra do Oriente é a Terra da Luz, a Terra do Paraíso, a Terra do Império, a Terra da Esperança. A Terra do Pólo. A Ordem do Atlântico, a Ordem do Princípio Feminino, da Lua, da Igualdade Orgiaca, é a projecção do Seth egípcio, da Piton, de Ahriman, do Cristo Sofredor, do Humano, imerso no desespero metafísico da Oração Solitária do Getsemani. O Atlântico, a Atlântida enquanto Terra do Ocidente é a Terra da Noite, a Terra do “*poço do exílio*” (como o disse um sufi muçulmano), o centro do cepticismo planetário, a Terra da Grande Melancolia Metafísica. As duas ordens têm raízes ontológicas e sagradas muito profundas e têm razões metafísicas para serem o que são. Considerar uma dessas ordens como um acidente histórico significa negar a lógica secreta dos círculos humanos e cósmicos. A escolha de uma via geopolítica reflecte a escolha de uma via metafísica, de uma via esotérica, da via do Espírito no Universo. Por consequência não existe nenhuma garantia, é pois impossível, em sentido estrito, afirmar que a Eurásia é boa e que a Atlântica é má, que Roma é santa e que Cartago é nefasta, ou o contrário. Mas toda a pessoa chamada por uma Ordem deve dar um passo resolutivo e servir essa ordem. As leis do nosso mundo são tais que o resultado da Grande Batalha não está pré determinado, o resultado do drama “*Eurásia contra Atlântida*” depende da totalidade da solidariedade planetária de todos aqueles que são chamados a servir, de todos os soldados da geopolítica, de todos os agentes secretos da Terra e de todos os agentes secretos do Mar. O resultado da guerra cosmológica de Apolo contra a serpente Piton depende de cada um de nós, quer o compreendamos ou não.

O Fim dos Tempos

Todas as religiões tradicionais e doutrinas metafísicas descrevem o Final dos Tempos, o fim do ciclo com a Última Batalha, a Batalha Final. As diversas tradições tratam diferentemente este conflito, e por vezes aquilo que é representado numa tradição como o “*lado do Mal*” transforma-se numa outra tradição no “*lado do Bem*”, e vice-versa. Por exemplo, para os cristãos ortodoxos, no final dos tempos o judaísmo é considerado como a religião do Anticristo, e para os judeus os “*goyim cristãos do país nórdico do rei Gog*” são como que uma concentração do Mal escatológico. Os hindus consideram que o Segundo Avatar, Kalki, aquele que virá no final do ciclo, erradicará os “budistas”, e os budistas acreditam que o Buda dos tempos futuros, o salvador Maitrya, aparecerá numa comunidade budista, etc. Tudo isto não dá testemunho da relatividade da divisão dos papéis na última batalha, mas sim da impossibilidade de escolher previamente um Bem evidente, pondo-nos em segurança e tomando parte na batalha escatológica estando certos de estar do lado “certo”.

É por isso que é dito que durante os Últimos Tempos “*até mesmo os escolhidos serão tentados*”. A escolha de um dos “lados” escatológicos não pode ser qualquer coisa de formal. É uma escolha do Espírito, é o Grande Risco, é o Grande Drama Metafísico. Por esta razão, na realidade da época escatológica - e numerosas autoridades tradicionais e religiosas afirmam que nós vivemos exactamente numa tal época -, ninguém pode servir uma negatividade absoluta ou uma positividade absoluta. É particularmente estúpido absolutizar uma forma política, identificando-a com o “Mal Absoluto” ou com “Bem Absoluto”. Até mesmo o começo da verdadeira escolha se encontra bem para além dos limites das ideologias políticas externas, para lá das fronteiras das divisões relativas entre democratas, fascistas e comunistas. A verdadeira escolha começa ao nível da geopolítica e eleva-se “*ao longo de uma espiral profética*” (segundo a expressão de Jean Parvulesco) em direcção aos abismos do Misticismo, da Metafísica, da Gnose, em direcção aos abismos do incompreensível Segredo Divino. A Ordem Eurásica e a Ordem Atlântica são os últimos segredos da história externa, humana, pública. De facto no interior dessas ordens existem numerosas outras esferas misteriosas e fechadas, ligadas à Pura Metafísica. Mas de qualquer modo, o verdadeiro, o rigoroso e consciencioso combate escatológico começa justamente com a Ordem da Eurásia ou com a Ordem do Atlântico. Mesmo sem mergulhar profundamente nos últimos segredos, o simples facto de combater numa ordem é já suficiente para se ser um participante activo, chamado e escolhido pelo Grande Drama.

Endkampf

A palavra alemã *Endkampf* (“Batalha Final”, “Batalha do Fim”) exprime bem a essência da situação planetária moderna. Os motivos escatológicos, os motivos do Final dos Tempos, não penetram somente os movimentos religiosos e místicos, mas também a política imediata, a economia, a vida quotidiana. Em Israel desde 1962, os judeus piedosos vivem num certo “tempo final”, num “*Tempo do Messias*”. Os Estados Unidos aspiram a estabelecer no planeta uma certa Nova Ordem Mundial. O mundialista europeu Jacques Attali prega o advento da fase final de um certo Regime Comercial. Os muçulmanos (em particular os xiitas) esperam num futuro não muito distante o próximo *Mahdi*, o imã escondido. Os hindus estão certos do rápido fim do *Kali Yuga*, a Idade Obscura. Há um renascimento da escatologia racista nos movimentos nacional-socialistas mundiais. Nas comunidades cristãs circulam cada vez mais profecias respeitantes ao Último Papa (*flos florum*) para os católicos romanos e ao Último Patriarca para os ortodoxos. Os lamaístas estão certos que o actual *Dalai Lama* será o último. A China endureceu na sua expectativa mística. O comunismo soviético caiu repentinamente e de maneira inesperada. Todos estes sinais indicam-nos o começo do *Endkampf*, o início da *Última Batalha*. E no contexto escatológico, mesmo as palavras do hino comunista “*é a luta final*” soam como uma revelação perturbadora, como uma alusão ao *Endkampf* planetário.

A Ordem e “Os Nossos”

O termo “os nossos” (*nashi*) não foi utilizado frequentemente num contexto geopolítico

mundial. A geopolítica alemã publicada e o jurista Carl Schmitt insistiam na necessidade de introduzir o conceito “os nossos” para exprimir a autodeterminação geopolítica de uma nação, de um Estado ou de um bloco étnico. O famoso repórter televisivo Aleksandr Nevzorov pô-lo em prática numa série de emissões. “Os nossos” tornou-se hoje em dia no império russo um conceito eurásico unívoco, que não inclui somente os russos e os eslavos, mas também os tártaros, os turcos, os fino-úmbricos, etc., realizando uma conexão genética com o espaço imperial e a ideia imperial. Na prática, “os nossos” de Nevzorov é uma definição sintética dos indígenas eurásicos, dos autóctones imperiais, senhores da Grande Terra por direito de cultura e de nascença. É revelador que na Rússia os atlantistas não utilizem esta palavra (é lógico, uma vez que aqui são considerados como sendo os que “não são nossos” (*nie-nashi*), os de um outro lado; para eles, os seus próprios “nossos” vivem para lá das fronteiras do continente, numa “ilha” longínqua e triste). Mas para Jean Parvulesco, que fez também ele deste termo um conceito geopolítico e conspirológico fundamental, o conceito “os nossos” é ainda mais inclusivo (embora este se inclua voluntariamente entre “os nossos” de Nevzorov). Jean Parvulesco identifica o conceito “os nossos” com toda a rede de partidários do Grande Bloco Continental - do Japão à Bélgica, da China à França, da Índia à Espanha, do Irão à Alemanha, da Rússia à Itália. Para Parvulesco, “os nossos” é ele próprio um sinónimo de Ordem Eurásica com todas as ramificações e todos os grupos que se encontram, conscientemente ou não, abertamente ou secretamente, na sua zona de influência geopolítica, mística e metafísica. “Os nossos”, é a frente escatológica unificada invisível do Continente, a frente da Terra, a frente do Oriente absoluto, cuja província ocidental é a Europa, a “nossa” Europa, Europa contraposta oposta ao “Ocidente”, a Europa da Tradição, do Solo, do Espírito. “Os nossos” representa quer os católicos romanos, os ortodoxos e os muçulmanos, quer os hindus, os taoistas e os lamaístas, quer os pagãos, os agnósticos e os místicos... mas somente aqueles que dentro destes sejam devotados ao Continente do Oriente, ao seu destino misterioso e desconhecido. Parvulesco fala de uma “França paralela”, de uma “Roménia paralela”, de uma “Alemanha paralela”, de uma “Rússia paralela”, de uma “China paralela”, etc., como de uma substância espiritual, como da dimensão espiritual invisível de países reais secretamente unidos na “Eurásia paralela” única, a “*Eurásia do puro espírito*”. “Os nossos” representa os soldados da “Eurásia paralela”, os heróis do Oriente Absoluto, servem todos eles por intermédio da lógica oculta da “espiral profética” a única e singular Ideia, o Propósito, o Principio Escondido. Outrora o conservador-revolucionário, nacionalista, russófilo e eurásico alemão, Arthur Moller van den Bruck, disse, parafraseando Khomiakov (“*A Igreja é Una*”): “*Há somente um Reich, como há somente uma Igreja*”. É o Reich dos “nossos”, a Igreja dos “nossos”, é o “nosso” império e a “nossa” Igreja.

A Hora da Eurásia

Enquanto estivermos na Eurásia, enquanto falarmos em seu nome, enquanto permanecermos ligados à sua misteriosa carne mística, a Eurásia pertence-nos, é “nossa”. A despeito de todas as perseguições por parte dos atlantistas, mau grado a eficácia da sua estratégia destrutiva, não obstante o pesado e profundo “sono” de zonas inteiras e de povos

inteiros que aí vivem a despeito dos agentes da Ordem Atlântica na política continental, na cultura continental, na indústria continental - o processo de “descolonização” é implacável. Devemos somente evitar cair no arcaísmo, defendendo formas culturais, sociais ou políticas obsoletas; não devemos ser simples conservadores, conservadores por inércia. A Ordem da Eurásia é uma Revolução Conservadora total, esse Grande Despertar da consciência geopolítica, ela é a Via Vertical, em lugar das oscilações serpentinadas da esquerda à direita ou das tentativas de marcha atrás. A Ordem da Eurásia é o duelo cruel e declarado com o grande adversário, poderoso e hábil, com a Ordem de Seth, a do asno vermelho, a Ordem da “*Dança da Morte*”. Devemos arrojarmos os servidores do Oceano para o oceano, devemos recambiar os agentes da “ilha” para a sua ilha. Devemos extirpar da carne política, cultural, nacional do Continente aqueles que “nos traem”, aqueles que traíram os nossos ideais, as nossas realizações. Sim, os nossos inimigos têm a sua verdade. Sim, devemos respeitar a sua escolha metafísica profunda, devemos mergulhar os nossos olhos no seu Segredo, no “*Poço Secreto do Ocidente*”. Mas tal não deve influenciar a nossa resolução, o nosso furor, a nossa crueldade fria e apaixonada.

Somente mais tarde deveremos ser indulgentes, quando o nosso Continente for livre, quando o último atlantista for atirado para as Águas Salgadas, para o elemento que pertence simbolicamente ao deus egípcio com face de crocodilo. A julgar por sinais precisos, “os *Tempos estão próximos*”. O *Endkampf*, a *Última Batalha* deve estalar a breve trecho. Estais prontos, aristocratas da *Ordem Polar*? Estais prontos, soldados da Eurásia? Estais prontos, sábios estrategas do GRU? Estais prontos, grandes homens que fizestes a vossa escolha pelo próprio facto do vosso nascimento? Já soa a Hora Decisiva da Eurásia...

A Grande Guerra dos Continentes aproxima-se do seu final.

Apêndices

Saudade

Há simplesmente a Sérvia, há simplesmente Portugal.

Mas a Sérvia respira, vibra, não por si mesma – como ela é, com hábeis construtores, astutos homens de negócios e o típico caos eslavo, — mas pelo grande sonho do império pan-balcânico de Dushan o Forte, por uma vontade firme de uma Sérvia maior, pelo étnos eslavo, ardente, transcendental, apaixonado e orgulhoso. “Darei a vida por ti, minha Pátria. Sei que dou e por que dou,” – foi escrito nas paredes das casernas dos servos bósnios, erigidas no grande Amor do poeta mobilizado Radovan Karadjitch.

Portugal – apenas um pequeno país europeu – não é rico nem influente. Não tem hoje absolutamente nada de que se orgulhar. Mas vive ainda no pequeno povo ribeirinho o sonho secreto do “império do rei Sebastião” a esperança no “Quinto Império”, a aparição impossível, à qual se esforçou por aproximar-se o notável escritor francês, místico, político e lobbyista geopolítico Domenic de Rue. Na língua portuguesa existe a intraduzível palavra

“saudades”. Ela significa “nostalgia”, “melancolia”, “sofrimento”, mas ao mesmo tempo – “sentimento patriótico”. Grande melancolia e grande patriotismo expressos numa só palavra, “saudades”. Sacerdote desta inconcebível e extravagante religião foi Fernando Pessoa, o maior poeta português contemporâneo.

Que dizer, porém, da Rússia, matriz mundial do mais extremo e tenso erotismo “dostoevskiano” e do mais alto, ultimo e absoluto sonho imperial? Não se mistura a nossa tristeza com o nosso sonho, e o nosso povo com o nosso Deus? Não será que a nossa predestinação nacional é o que dá vida, torna racionais todos os nossos sofrimentos, o nosso terrível, torturante, cegamente imprevisível caminho através da história?

Vivemos apenas a terceira figura imperial, o fluxo de sangue do Último Amor, da Última Rússia, anormal, impossível, maior que tudo o que é sensato e insensato. Por ela pagam não só com a vida – mas com a alma.

“Se diz exército santo, deita-me fora, Rússia, vive no paraíso.— Eu digo, não é preciso o paraíso, dai-me a minha Pátria” (S. Esenin). É preciso compreender isto à letra, como ponto da nossa plataforma política geral nacional.

O amor e a nação têm um começo, mas não têm um fim. Desenvolvendo-se na existência, subindo o grau interior, deslocam-se elas para objectivos posteriores, mais longínquos, (atingi-los é impossível), lançando-se na cratera dramática da guerra com a própria morte.

Entrevista ao *Los Angeles Times*

Qual a sua opinião acerca da actual posição da Rússia no mundo, e como deveria a Rússia agir no que diz respeito ao Ocidente?

Antes de mais, advogo fortemente uma construção multipolar do mundo. Creio que a pretensão dos Estados Unidos em serem o único pólo do mundo... está completamente errada, é imoral e inaceitável por parte dos outros grandes centros de poder.

Apoiamos a criação de um espaço amplo, de alguns espaços amplos, em vez de um só foco de decisão, da decisão dos Estados Unidos. Acreditamos que a Rússia devia estar na vanguarda deste processo.

Consideramos que – não só eu, mas também os nossos líderes políticos – consideramos que na Geórgia [o presidente Mikheil] Saakashvili cometeu não só um crime moral, mas também pôs à prova o que está por trás das palavras russas, por trás dos protestos russos contra a dominação estadunidense. Quiseram testar até que ponto nos limitávamos às palavras, e se a Rússia poderia agir directamente, com actos concretos.

Muitos no Ocidente acreditam que Moscovo provocou deliberadamente um confronto entre as repúblicas separatistas da Geórgia. Quem considera ser o responsável pela erupção do conflito armado?

Era demasiado arriscado sermos nós a despoletá-lo. E penso, também, pelo que conheço do [primeiro-ministro Vladimir V.] Putin e do [presidente Dmitry] Medvedev, que eles gostariam de evitar a qualquer custo uma confrontação directa com os Estados Unidos.

A intenção deles era a de conseguirem ganhar o tempo necessário para preparar a Rússia

para atacar ou conseguir aguentar um possível ataque por parte dos Estados Unidos, e para isso precisavam de 10 anos. A reacção de Putin – de Putin e de Medvedev – foi a que foi apenas porque consideraram esta provocação por parte dos georgianos como sendo insultuosa, inconcebível e inaceitável. O que ocorreu foi uma reacção, não partiu de qualquer estratégia ofensiva planeada... [Putin e Medvedev] não estavam preparados para iniciarem, por vontade própria, uma situação tão difícil quanto esta nem uma guerra difícil que não aparenta ter fim. Nós, analistas políticos, compreendemos que poderíamos desencadear tal guerra, mas que não a conseguiríamos terminar.

Está longe de ter terminado. Trata-se apenas do início de uma verdadeira, e talvez até muito séria e muito perigosa para ambos os lados, confrontação entre nós e os estadunidenses.

Qual foi o propósito estratégico no reconhecimento da independência da Abecásia e da Ossétia do Sul? A Rússia, até agora, encontra-se completamente solitária neste reconhecimento.

Primeiro, com este passo a Rússia confirmou o seu desejo de estar disposta a ir até ao fim no que diz respeito a este conflito... Foi uma espécie de demonstração do nosso desejo, sério e profundo, de prosseguir.

Segundo, precisávamos, e agora já a temos, de uma base jurídica para o propósito da presença das nossas forças armadas no território georgiano. Agora isso está mais ou menos claro...

Acerca do reconhecimento, creio que a Rússia irá manter-se neste confronto, se a Rússia mantiver esta demonstração de uma decisão e de um poder firmes os restantes países irão, pouco a pouco, passo a passo, juntar-se à atitude perante a Ossétia do Sul e a Abecásia.

Não é uma norma que doravante reconheçamos todas as regiões separatistas. Claro que não. Iremos reconhecer aquelas regiões separatistas que se encontrarem geopoliticamente do nosso lado – do nosso lado ou dos nossos amigos – e opostas aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos demonstraram-nos a sua dualidade moral. Reconheceram a independência de um Kosovo pró-americano mas não reconhecem a independência das pró-russas Ossétia do Sul e Abecásia. Não reconhecem a integridade da Sérvia, mas reconhecem a integridade da Geórgia.

Como vislumbra a Rússia o desenvolvimento das relações amistosas entre os Estados Unidos e antigas repúblicas soviéticas, tais como a Ucrânia e a Geórgia?

Como sendo uma declaração de guerra. Como uma guerra aberta de proporções psicológicas, geopolíticas e económicas.

Inicialmente Putin era pró-Occidental. Era pró-americano. Era essa a razão do nosso criticismo para com a sua conduta. Por exemplo, depois do 11 de Setembro fomos contra o apoio que deu aos Estados Unidos e os passos que deu de aproximação a estes.

Mas, pouco a pouco, deparou-se com o completo desrespeito para com todos os interesses russos. Com estes neo-conservadores, com o Richard Perle ou o Dick Cheney, estávamos sempre a ser solícitos. “Assinamos aqui, já está.”

Passo a passo, com a economia e o comércio dos recursos energéticos finalmente encontramos a força e a vontade de reagir a esta guerra. Porque esta guerra não foi desejada por nós. Foi um desafio. Foi-nos imposta pelos Estados Unidos.

Consideramos que em todo este espaço pós soviético – com excepção dos Estados

bálticos – nos encontramos a lidar com a civilização Eurásica. Não com a europeia, não com a ocidental. E tentar fazer com que estes espaços caiam fora do nosso controlo ou fora do nosso diálogo ou ainda fora das relações especiais que com eles mantemos, de raiz histórica – foi uma espécie de ataque, uma declaração de guerra. Não se trata, como os estadunidenses gostam de o argumentar, de uma competição... Foi entendido não como uma competição mas como um acto de agressão, tal como os de Napoleão e de Hitler, e nada mais.

Quando a Rússia se deparou com um movimento separatista na Chechénia, reagiu com um ataque militar em grande escala bem como com um bombardeamento que transformou [a capital chechena] Grozny em cascalho. Mesmo assim Moscovo foi rápido em criticar Tbilisi [a capital da Geórgia] por lançar uma operação militar contra a sua república separatista. Não há aqui dois pesos, duas medidas?

Sim. Sim... Reagimos a uma situação de dualidade com outra dualidade. Concordo.

Se vai ser uma reacção de padrão duplo por cada acção de padrão duplo, onde é que vai acabar este círculo?

Os Estados Unidos comportam-se como se fossem o único pólo que pode definir o que é bom e o que é mau... Nunca acabará até que alguém diga, “alto”... Portanto temos que demonstrá-lo, parem ou irão arrepender-se. É possível que também nós nos arrependamos, mas vocês vão arrepender-se. Parem.

Foi proibido de visitar a Ucrânia. Acha que Ucrânia se vai juntar à OTAN e, em caso afirmativo, qual será a reacção da Rússia?

Creio que a maior parte da população ucraniana não quer fazer parte da OTAN. A maior parte da população, ainda mais depois do caso da Geórgia, deseja manter boas relações com a Rússia. Uma entrada na OTAN significaria a completa abolição de qualquer género de relação e uma dura, e real, confrontação.

Metade da população ucraniana considera-se russa – politicamente, geopoliticamente, culturalmente, etnicamente e por aí fora.

Não conseguiremos manter a Ucrânia sem que ocorra uma divisão [territorial] ou um compromisso entre ambas as partes.

O presidente [Viktor] Yushchenko deliberou expulsar-me da Ucrânia e proibir-me de entrar no seu Estado. Está no seu direito. É um Estado soberano... Mas ao fazê-lo creio que menosprezou o seu respeito pelos diferentes tipos de populações da Ucrânia. É que, sabe, as minhas ideias são muito populares na Ucrânia de Leste e na Crimeia e existem muitos, muitos milhares de pessoas que apoiam o movimento eurásico ali.

Se a Ucrânia entrar na OTAN, qual julga que será a reacção da Rússia?

Creio que a reacção russa seria o apoio a uma insurreição nas regiões do Leste e na Crimeia e não excluiria a entrada das nossas forças armadas nessas regiões, como no cenário da Ossétia.

Mas a diferença é que metade da população da Ucrânia é russa, é directamente russa, e esta metade da população sente-se oprimida pelos valores, pela linguagem e pelas questões geopolíticas ucranianas, completamente contrárias à sua vontade. Por isso não creio que, neste caso em particular, seria necessária uma intervenção directa das forças armadas russas. Penso que na véspera da entrada na OTAN ocorram motins públicos e uma divisão da Ucrânia em

duas partes.

O que pensa que aconteceria se a Ucrânia forçasse a frota russa do Mar Negro a sair de Sevastopol [porto ucraniano]?

Creio que desencadearia um conflito armado, dado que nos sentimos à vontade agora, mais ou menos.

Estamos prontos para continuar na Geórgia. Mas ao mesmo tempo, não acabamos na Geórgia. Está longe de ter acabado, a situação ali. Precisamos da cabeça de Saakashvili. Consideramo-lo um agressor e um autor de crimes de guerra.

Moralmente, penso que o nosso exército e os nossos líderes políticos estão completamente preparados para jogar duro, de sermos rígidos com o líder ucraniano uma vez que o consideramos como cúmplice de Saakashvili.

Tem falado do Irão como sendo uma alternativa ao poder estadunidense. Ainda vislumbra Teerão à mesma luz?

Creio que o Irão devia e podia ser um aliado da Rússia... Trabalhando com o Irão, comercializando armas e os recursos em potencial, baseando o transporte de recursos naturais tanto da Eurásia como do Irão, combinando os nossos esforços estratégicos, militares, económicos e energéticos – podíamos criar uma força de verdadeira influência em todo o Médio Oriente...

Temos interesses em comum com os iranianos... uma vez que considero que travar a unipolaridade estadunidense como sendo o mais importante, o mais absoluto... Estes partidos, os pró-Occidente presentes no governo russo, insistiram que o Irão, sendo fundamentalista, podia em determinada altura agredir-nos. Mas... isso era uma espécie de propaganda contra os iranianos criada pelas forças pró-americanas e pró-Occidente existentes em Moscovo.

A sua opinião acerca de Vladimir Putin tem sido flutuante.

Apreciei bastante os seus actos concretos para o reforçar da ordem política na Rússia, os seus passos para afastar os oligarcas, para diminuir a influência dos ocidentais e para salvaguardar a unidade territorial russa na situação da Chechénia.

Mas notei também que se encontrada cercado de pró-ocidentais, de políticos, conselheiros e especialistas pró-liberais... foi essa a principal razão do meu criticismo para com ele.

Mas penso que agora, após 8 de Agosto [intervenção militar russa na Geórgia] Putin e Medvedev ultrapassaram o ponto de retorno. Demonstraram que a vontade de decisão para transformar as palavras em actos são, de facto, irreversíveis. Portanto o meu apoio para com Putin e Medvedev é agora absoluto.

Fui enganado por certos círculos. Mas, ao mesmo tempo, penso também que o Occidente foi enganado pelos mesmos círculos.

E pelo Medvedev, também! Uma vez que julguei que Medvedev era a vingança dos liberais, e protestei. Creio que Washington e Bruxelas também julgaram o mesmo e fomos todos enganados. Medvedev provou ser um patriota russo e um estadista genuíno. Admiro tamanho engano – mesmo tendo sido eu próprio o enganado.

Moscovo está a exagerar? Muitos analistas questionam se a Rússia tem o poderio militar bem como a estabilidade económica necessárias para arriscar o isolamento.

A Rússia não ficará isolada – nem da Europa nem da Ásia. Dos Estados Unidos, talvez, mas isso não nos importa.